



UC/FPCE\_2012

Universidade de Coimbra  
Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação

**Medo de avaliação negativa e comportamentos agressivos - O ansioso agressivo: Contributo para a validação da escala de Medo de Avaliação Negativa – versão reduzida e específica**

Luísa Maria Morais Pires Correia (lmpcorreia@gmail.com)

Dissertação de Mestrado em Psicologia, na área de especialização em Intervenções Cognitivo-comportamentais nas Perturbações Psicológicas e da Saúde sob a orientação do Professor Doutor Daniel Maria Bugalho Rijo e da Doutora Paula Vagos

## **Medo de avaliação negativa e comportamentos agressivos - O ansioso agressivo: Contributo para a validação da escala de Medo de Avaliação Negativa – versão reduzida e específica**

### **Resumo**

O objectivo desta dissertação foi o de estudar a relação entre o medo de avaliação negativa e os comportamentos agressivos numa amostra de 518 adolescentes tardios da população geral. Em primeiro lugar, procurou-se validar a escala de Medo de Avaliação Negativa – Específica, na sua versão portuguesa. E, em segundo lugar, constituiu foco deste trabalho estudar as relações entre os constructos referidos.

A escala de Medo de Avaliação Negativa (MAN) foi desenvolvida para avaliar a preocupação acerca de poder ser avaliado de forma negativa pelos outros. A sua versão reduzida (12 itens) foi estudada, tendo sido concluído por Rodebaugh e colaboradores (2004, 2011) que a utilização dos 8 itens cotados de forma directa (MAN-Reduzido) seria uma vantagem para a validade do constructo avaliado. No presente trabalho procurou estudar-se a dimensionalidade e as qualidades psicométricas da versão específica do MAN (MAN-Específico). Os resultados obtidos indicam uma solução factorial de um único factor, que explica 62.92% da variância total da escala. O MAN-E apresentou uma consistência interna excelente ( $\alpha = .92$ ), bem como adequada validade convergente com medidas de ansiedade e evitamento em situações sociais.

Estudada também a hipótese de que existem indivíduos com medo de avaliação negativa que se podem comportar de forma agressiva a fim de lidar com os sentimentos decorrentes desse medo, concluiu-se existirem três grupos de sujeitos nesta amostra: os ansiosos sociais típicos, os ansiosos sociais atípicos e os sujeitos normais. As comparações por grupos sugeriram que os três grupos diferem significativamente entre si em todas as variáveis do estudo - medo de avaliação negativa, agressividade e ansiedade social. Tendo em conta o grupo de ansiosos sociais atípicos, os resultados das regressões lineares sugerem que o medo da avaliação negativa é um preditor significativo das dimensões reactivas de agressividade (aberta e relacional) e da agressividade proactiva aberta.

Embora preliminares, estes resultados significativos sugerem que um subconjunto de indivíduos com medo de avaliação negativa pode envolver-se em comportamentos agressivos, com o objectivo de regular as suas emoções, para além de proporcionar um instrumento robusto de avaliação do medo de avaliação negativa, adequado para a utilização na clínica e na investigação, adaptado para uma população adolescente e com um tempo curto de aplicação.

## **Fear of negative evaluation and aggressive behavior - The anxious aggressive: Contribution to the validation of the scale of Fear of Negative Evaluation – brief and specific version**

### **Abstract**

The goal of this thesis was to study the relationship between fear of negative evaluation and aggressive behaviors in a sample of 518 late adolescents of the general population. First, we sought to validate the scale of the Fear of Negative Evaluation - Specific, in its Portuguese version. Secondly, the purpose of this work was to study the relationships between this fear and aggressive behaviors.

The scale of Fear of Negative Evaluation (FNE) was developed to evaluate the concern about being negatively evaluated by others. A reduced version (12 items) was studied and it was concluded by Rodebaugh and colleagues (2004, 2011) that the use of 8 items quoted directly (Brief FNE) would be an advantage for the validity of the construct. In the present study we examined the dimensionality and psychometric qualities of the brief and specific version of FNE (SBFNE-S). The 1-factor solution that emerged explained 62.92% of the total scale variance. The SBFNE-S showed to possess excellent internal consistency (Cronbach's  $\alpha$  of .92) and an adequate convergent validity with measures of anxiety and avoidance in social situations.

We also studied the hypothesis that there are individuals with fear of negative evaluation that can behave aggressively in order to deal with the feelings arising from this fear, and it was concluded there are three groups of subjects in this sample: the typical socially anxious individuals, the atypical socially anxious subjects, and the normal individuals.

Comparisons by groups suggested that the three groups differ significantly in all variables of the study - fear of negative evaluation, social anxiety and aggression. Looking to the group of atypical socially anxious people, the results of linear regressions suggest that the fear of negative evaluation is a significant predictor of the reactive overt aggression, reactive relational aggression and proactive open aggression.

Although preliminary, these results suggest that a significant subset of individuals with a fear of negative evaluation can engage in aggressive behaviors, in order to regulate their emotions, as well as provide a robust instrument for psychological assessment of the fear of negative evaluation, useful in clinical and in research, adapted for adolescents and with a short time of application.

## **Agradecimentos**

Ao Professor Doutor Daniel Rijo, pela confiança, pela partilha de conhecimentos e pelos conselhos e dicas fundamentais que permitiram a concretização deste trabalho. Obrigado, ainda, pela disponibilidade e paciência.

À Professora Doutora Paula Vagos pela oportunidade de participar no neste projecto e trabalhar num tema tão rico e interessante para o meu desenvolvimento profissional. Obrigado pela disponibilidade constante.

Aos directores, professores e alunos que colaboraram prontamente nesta investigação, nomeadamente à Escola Secundária D. Duarte, à Escola Secundária com 3º Ciclo João da Silva Correia e à Escola Secundária com 2º e 3º ciclos Oliveira Júnior.

À Carolina e ao Nélio, pelos conselhos preciosos e pelas dicas imprescindíveis, que fizeram com que tudo parecesse mais fácil.

À minha mãe pelo apoio, paciência e esforços monetários, que permitiram que eu saísse da “terrinha” em busca de uma oportunidade para realizar os meus objectivos e crescer, crescer, crescer.

Ao meu pai, que permitiu que o meu percurso se fizesse da forma que eu escolhi, sem “nãos”.

Ao meu avô pela força em todos os momentos e ainda por simplesmente acreditar em mim.

Ao Tiago, que, embora sempre optimista e disposto a tudo, não se livrou de ouvir os meus berros e as minhas “descargas” quando os dias corriam menos bem. Obrigado, ainda, pelos conselhos e pela força.

À Theresa, João, Daniela, Cláudia, Ana Afonso e Bia, porque sim. Porque sentimos o mesmo, porque partilhámos o mesmo caminho...Obrigado.

À Teresa, à Sara, ao Zé, que tornaram este percurso tão mais fácil e tão marcante. Pela paciência, pela amizade, pela cumplicidade, pela partilha.

## Índice

Introdução .....	1
Enquadramento Conceptual .....	2
A Agressividade .....	2
A Ansiedade Social e o Medo de Avaliação Negativa.....	5
Relação entre Agressividade e Medo de Avaliação Negativa.....	7
Objectivos e Hipóteses .....	11
Metodologia .....	12
Resultados.....	14
Artigo 1 - A versão específica da escala de Medo de Avaliação Negativa – dimensionalidade e características psicométricas numa amostra de adolescentes .....	15
Artigo 2 - Aggressiveness and Fear of Negative Evaluation in a sample of Portuguese adolescents.....	28
Discussão Geral.....	41
Conclusões.....	45
Bibliografia Geral.....	46
Anexo .....	53

## **Introdução**

Poucos estudos ao longo do tempo têm tentado perceber de que forma a agressividade está relacionada, por exemplo, com os fenómenos de regulação emocional ou com a ansiedade social, cenário que tem sido invertido recentemente (Kashdan & Hofmann, 2008; Kashdan & McKnight, 2010). Embora se tenha verificado este crescente interesse pelo estudo da ansiedade social e da sua relação com os comportamentos agressivos, existe uma falha de informação no que toca a aspectos-chave da ansiedade social (Ruscio et al., 2008), como é o medo de avaliação negativa.

Deste modo, e dada a comorbilidade que se tem verificado entre a ansiedade social e, por exemplo, o consumo de substâncias (Rapee & Spence, 2004) e os comportamentos agressivos (Kashdan, Collins, & Elhai, 2006; Kashdan & Hofmann, 2008; Kashdan & McKnight, 2010), torna-se pertinente perceber de que forma o medo de avaliação negativa, uma vez que se apresenta como pedra fundamental da ansiedade social, se poderá encontrar relacionado com outro tipo de comportamentos (que não os de inibição e timidez) como a agressividade, nos jovens.

O presente trabalho pretende, a um nível teórico, apresentar a resenha história dos estudos levados a cabo sobre a temática, apresentada no enquadramento conceptual. A nível metodológico, pretende apresentar dois estudos, sob a forma de artigo científico. O primeiro artigo - A versão específica da escala de Medo de Avaliação Negativa – dimensionalidade e características psicométricas numa amostra de adolescentes - corresponde à aferição para uma população de adolescentes Portugueses da escala específica do medo de avaliação negativa (MAN-E). O segundo artigo - Aggressiveness and Fear of Negative Evaluation in a sample of Portuguese adolescents - corresponde à análise das relações entre o medo de avaliação negativa e os comportamentos agressivos.

Por fim, será feita a discussão global de ambos os estudos, já em corpo de dissertação.

## **I – Enquadramento conceptual**

### **1. A Agressividade**

A agressividade não é susceptível de ser reduzida apenas a uma definição pois apresenta-se como um constructo multidimensional, com diferentes formas e funções (Calvete & Orue, 2010; Ollendick, Jarrett, Wolff, & Scarpa, 2009), tendo sido estudada, quer em humanos, quer em animais, apresentando, sempre, várias manifestações (Ollendick et al., 2009). Ela pode ser compreendida através dos métodos ou formas pelos quais o acto agressivo é infligido, e através do seu objectivo, ou seja, as funções do comportamento agressivo (Marsee et al., 2011).

No que toca às formas que a agressividade pode tomar, ela pode ser aberta ou física (Culotta & Goldstein, 2008), prendendo-se com comportamentos verbais ou físicos infligidos directamente em situações de conflito interpessoal, sendo, também encontrada nas outras espécies (Archer & Coyne, 2005). Esta forma de agressividade, como referido, envolve comportamentos de agressão directa, tais como empurrar, bater, ameaçar (Culotta & Goldstein, 2008; Marsee, et al., 2011). Apesar de esta definição parecer relativamente fácil quanto à sua compreensão, o mesmo já não acontece quando se pretende definir a outra forma de agressividade. A segunda forma de agressividade está presente apenas nos humanos, devido às capacidades sociais e de linguagem requeridas, podendo ser tão perigosa e poderosa como a agressividade aberta (Archer & Coyne, 2005). Contudo, a terminologia a utilizar quando nos referimos a ela tem sido alvo de constantes debates entre os teóricos, sendo que todas as opções lançadas na literatura surgem como sendo superficialmente similares – agressividade relacional, social ou indirecta. (Archer & Coyne, 2005). Não pretendendo com este estudo uma análise exaustiva dos tipos de agressividade, e dado que qualquer um dos termos se refere à intenção de causar dano a alguém, através do recurso a estratégias sociais, manipulando relações ou a reputação desse indivíduo (Archer & Coyne, 2005; Culotta & Goldstein, 2008; Loudin, Loukas, & Robinson, 2003), por uma questão de facilidade terminológica, será adoptado o termo de agressividade relacional, conceito introduzido por Crick e Grotpeter (1995). Esta forma de agressividade caracteriza-se pela adopção de comportamentos que têm como objectivo afectar o outro, através de actos ou ameaças de estragar as suas relações, reputação social e integração nos grupos sociais (Crick, Casas, & Ku, 1999).

Assim, a agressão relacional aparece como uma estratégia alternativa à agressividade aberta que parece ser mais adaptativa em determinadas situações sociais do que o confronto directo (Archer & Coyne, 2005), que inevitavelmente apresenta consequências sociais, como a punição perante a lei e a reprovação social (Campbell, 1999). Desta forma, a agressividade relacional permite, de forma mais “camuflada”, atingir o mesmo objectivo de magoar o outro, sendo que parece estar positivamente associada com a popularidade (Cillessen & Mayeux, 2004; LaFontana & Cillessen, 2002; cit. por Archer & Coyne, 2005). No entanto, este tipo de agressividade não

está livre de trazer consequências negativas, tais como a rejeição pelos pares que, ainda assim, parece ser inferior do que a rejeição por parte das vítimas (Vaillancourt, 2005). De sublinhar, ainda, que o tipo de agressividade relacional, requerendo capacidades sociais e de linguagem, muda ao longo da vida, pelo que parece que se vai complexificando com o aumento da idade, tornando-se cada vez “menos agressiva” (Archer & Coyne, 2005; Crick, et al., 1999).

A agressividade, quanto à sua função, pode ser considerada proactiva ou reactiva. A agressividade proactiva é considerada um tipo de agressão que não envolve provocação, não sendo, por isso, resposta a um estímulo provocatório ou ameaçador. Tem como principal objectivo uma consequência desejada e é mais organizada (Marsee et al., 2011; Ollendick et al., 2009). Alguns estudos associam este tipo de agressividade com uma tendência para ter uma perspectiva mais positiva acerca da agressividade, como meio primordial para atingir os objectivos desejados (Crapanzano, Frick, & Terranova, 2010).

A agressividade reactiva apresenta-se como um tipo mais impulsivo de reacção defensiva face a um estímulo ameaçador, podendo ser vista como resposta à frustração (Marsee et al., 2011; Ollendick et al., 2009). Tendo esta função, ela está relacionada com uma fraca auto-regulação, sobretudo afectiva e com uma reactividade fisiológica muito elevada, que acompanha expressões de raiva e “hostilidade vingativa”, bem como com comportamentos impulsivos e uma tendência para sobreinterpretar os comportamentos ambíguos de outros como hostis. (Crapanzano et al., 2010; Ollendick, et al., 2009).

A investigação sobre a temática tem mostrado que um número significativo de crianças pontuam apenas na agressividade reactiva, enquanto que aquelas que pontuam na agressividade proactiva têm tendência para apresentar, também, comportamentos agressivos reactivos (Crapanzano et al., 2010; Dodge & Coie, 1987; Frick et al., 2003). Ainda, segundo Hartup (1974; cit. por Dodge, 1991), e as conclusões retiradas do seu estudo com crianças, a agressividade proactiva está mais relacionada com o empurrar, bater, com o objectivo de atingir um objectivo (e.g. ganhar um brinquedo). A reactiva, aqui denominada de *hostil*, por seu turno, é direccionada para a pessoa directamente e o seu principal objectivo é magoar, atingir o outro, em resposta a algo.

Existem vários estudos sobre a agressividade que se preocuparam em perceber de que modo as suas diferentes funções se operacionalizam nas relações interpessoais.

Um estudo levado a cabo por Price e Dodge (1989) revelou que nas crianças, as avaliações feitas pelos pares estão mais intimamente ligadas com a agressividade reactiva do que com a agressividade proactiva: os pares não gostam dos rapazes que apresentam altas taxas de agressividade reactiva, mas não deixam de gostar daqueles que apresentam taxas elevadas de agressividade proactiva. Este último tipo de agressividade é, contudo, avaliado de forma mais negativa pelas crianças mais velhas.

Dodge e Coie, em 1987, num estudo feito com grupos (agressividade



proactiva, agressividade reactiva, agressividade proactiva e reactiva e um grupo não agressivo) obtiveram resultados semelhantes. Mais, o grupo que apresentava taxas de agressividade proactiva mais elevada era visto pelos pares como o grupo mais disruptivo, ao mesmo tempo que era visto como um grupo com fortes qualidades de liderança e sentido de humor (Dodge, 1991; Dodge & Coie, 1987).

Existem duas teorias dominantes sobre a agressividade: o Modelo da Frustração-Raiva e o Modelo da Aprendizagem Social, que parecem poder associar-se e, ao mesmo tempo, explicar diferenciadamente as duas funções de agressividade.

O Modelo da Frustração-Raiva, proposto por Dollard e colaboradores (1939) e revisto por Berkowitz (1962, 1978), defende que a agressividade é uma reacção de raiva à frustração percebida ou real. Assim, o objectivo desta agressividade é defender o sujeito ou infligir dano à fonte de frustração, provocação ou ameaça (Dodge, 1991). Este modelo tem como base duas permissas: a primeira defende que a frustração resulta sempre em agressividade (directa ou indirecta) e a segunda postula que a agressão é sempre consequência da activação da raiva. Contudo, este modelo apresenta várias limitações. De salientar, que a frustração pode resultar em vários outros comportamentos, como evitamentos, dificuldades em resolver problemas, depressão, resignação, e outros, sendo que um comportamento agressivo não tem, necessariamente, de ser despoletado pela raiva ou pelo desejo de magoar (Feshbach, 1997).

Por outro lado, a Teoria da Aprendizagem Social, proposta por Bandura (1983), postula que a agressividade é um comportamento adquirido instrumentalmente, controlado por recompensas externas, ou seja, pelas consequências positivas que esse comportamento trará para o sujeito (Dodge, 1991).

Deste modo, o primeiro modelo parece aproximar-se mais da ideia de agressividade reactiva, ao passo que o modelo de Bandura parece estar mais relacionado com o conceito de agressividade proactiva.

Uma outra perspectiva nesta área tem a ver com os estádios de processamento da informação, decorrentes dos estudos realizados tendo como base o Modelo do Processamento da Informação Social. Defende-se que os sujeitos que manifestam comportamentos agressivos apresentam uma série de défices e enviesamentos nos vários estádios do processamento de informação, o que pode levar a comportamentos desadaptativos e problemas de comportamento (Dodge, 1986; Rubin & Krasnor, 1986; cit. por Dodge, 1991). No seguimento deste modelo, existem dados que defendem que avaliações e atribuições mais favoráveis das consequências do comportamento agressivo se associam com a agressividade proactiva e não com a reactiva. Por outro lado, a atribuição de intenção hostil ao outro (portanto numa fase mais precoce do processamento de informação social) surge associada à agressividade reactiva (Dodge, 1991).

## 2. A Ansiedade Social e o Medo de Avaliação Negativa

A ansiedade social como quadro clínico foi reconhecida apenas em 1985, por Liebowitz (Pinto-Gouveia, 2000). Contudo, a ansiedade experimentada em situações sociais, mesmo sem constituir um quadro clínico, pode ser experienciada por qualquer sujeito que apresente um medo de avaliação negativa quando numa situação social (Pinto-Gouveia, 2000; Vagos, 2010).

Deste modo, a ansiedade social pode ser conceptualizada num contínuo entre a experiência de sintomas de ansiedade não incapacitantes em situações sociais e, portanto, normativos, e o quadro clínico, propriamente dito, de Fobia Social (Rapee & Spence, 2004).

Várias foram as perspectivas que até à data pretenderam documentar a ansiedade social, nomeadamente, os modelos cognitivo-comportamentais, com uma leitura integradora deste fenómeno de ansiedade (Beck, Emery, & Greenberg, 1985; Clark & Wells, 1995; Clark & Beck, 2001; Clark, 2005).

O modelo cognitivo de Beck e Emery foi apresentado no livro *Anxiety disorders and phobias: A cognitive perspective* (Beck et al., 1985). Segundo este modelo, o aspecto nuclear da fobia social, que a faz manter e desenvolver-se, é o medo de revelar as suas inadequações e fraquezas sociais perante os outros, que está, possivelmente, associado à existência de um auto-esquema de ineficácia para lidar com as situações sociais. Estes dois factores concretizam-se, assim, na hipersensibilidade à possibilidade de se ser avaliado de forma negativa e na hipervigilância em relação a sinais de rejeição, associada a erros no processamento de informação em situações sociais, ao nível do foco de atenção e interpretação dessas mesmas situações. Este enviesamento no processamento de informação, associado a regras rígidas e disfuncionais acerca do comportamento social e à magnificação das consequências do fracasso nas situações sociais, origina uma resposta emocional ansiosa, de grande activação autonómica e de comportamentos de inibição. Esta resposta comprometerá, invariavelmente, o funcionamento social adequado do sujeito, levando à confirmação da ideia primária de incompetência, gerando um ciclo vicioso e aumentando o evitamento social (Beck et al., 1985; Pinto-Gouveia, 2000).

Também Clark e Beck (2001), defendem que a ansiedade social tem como pilares cognitivos os auto-esquemas disfuncionais, as crenças em relação à avaliação social e as expectativas elevadas em relação ao “funcionamento social ideal”. Os ansiosos sociais têm tendência a ver-se a si próprios como desinteressantes, diferentes dos outros e inadequados (Pinto-Gouveia, 2000), sendo que os esquemas que parecem estar mais associados a valores elevados do medo de avaliação negativa são os de Indesejabilidade social, Desconfiança/abuso, Isolamento Social, Dependência e Defeito. Estes esquemas precoces mal-adaptativos relacionam-se, sobretudo, com a percepção de que as nossas necessidades de segurança, aprovação, respeito e apoio não serão satisfeitas pelos outros, tendo como base crenças de incapacidade e diferenças em relação aos

outros, que podem levar a uma hipersensibilidade à crítica, à rejeição e às constantes comparações com os outros (Rijo, 2009; Young, Klosko, & Weishaar, 2003).

Para outros autores, o desenvolvimento da ansiedade social implica que exista uma forte motivação para causar uma boa impressão, associada a expectativas negativas e dúvidas acerca das suas capacidades para o conseguir fazer (Leary, 1983; Leary, Twenge, & Quinlivan, 2006; Pinto-Gouveia, 2000), o que remete, assim, para a ideia de medo de avaliação negativa por parte dos outros (Rapee & Heimberg, 1997).

Embora distintos em alguns dos seus fundamentos, estes modelos conseguem encontrar no modelo de Clark e Wells (1995), actualizado por Clark (2005), um agrupamento de vários factores, que funciona como síntese integradora. Segundo estes autores, coexistem, para o desenvolvimento e manutenção da ansiedade social, a vontade intensa de transmitir uma boa impressão aos outros de si e a insegurança acerca de o conseguir fazer, o que contribui para uma percepção de perigo social e consequente interpretação das situações sociais como ameaçadoras (Pitarch, 2010). Todas as situações sociais são precedidas de uma grande ansiedade antecipatória e seguidas de uma análise detalhada e ruminativa do próprio comportamento do indivíduo (autópsia), levando à activação de uma série de comportamentos de segurança em situações sociais futuras e evitamento social sempre que possível. Todo este processo é acompanhado por uma activação emocional ansiosa, que se traduz em alterações cognitivas, afectivas e somáticas (Pinto-Gouveia, 2000). Em relação à avaliação social, é frequente encontrar presente nos ansiosos sociais a ideia de que “se os outros perceberem como realmente sou vão rejeitar-me” (Pinto-Gouveia, 2000, p. 140), o que os leva, na maioria das vezes, a adoptar comportamentos de submissão e inibição comportamental (Glick & Orsillo, 2011; Kashdan & McKnight, 2010; Vassilopoulos, 2009).

A ansiedade social e o medo de avaliação negativa apresentam-se como factores de risco para problemas como a depressão (Stein, Tancer, Gelernter, Vittone, & Uhde, 1990), o desenvolvimento deficitário de relações interpessoais (Schneier, Johnson, Hornig, Liebowitz, & Weissman, 1992) e mau rendimento académico (Turner, Beidel, Dancu & Keys, 1986; cit. por Teachman & Allen, 2007).

Apesar do crescente interesse pelo estudo da fobia social e da ansiedade social, como referido anteriormente, existe uma falha de informação no que toca a aspectos-chave da ansiedade social (Ruscio et al., 2008), como é o caso do medo de avaliação negativa.

O medo de avaliação negativa corresponde à base da ansiedade social, uma vez que, tendo em conta os modelos cognitivo-comportamentais (Beck et al., 1985; Clark & Wells, 1995; Clark & Beck, 2001; Clark, 2005), esta última se refere a uma reacção emocional à percepção de avaliação negativa por parte dos outros (Pitarch, 2010). Este constructo pertence, ainda de acordo com os mesmos modelos, à parte cognitiva da ansiedade social, uma vez que se traduz em pensamentos irracionais acerca da possibilidade de ser julgado de forma negativa ou olhado de forma

hostil pelos outros, quando num contexto social (Weeks et al., 2005).

Segundo o modelo de Rapee e Heimberg (1997), são as representações mentais do próprio sujeito acerca de si como objecto de atenção por parte dos outros (audiência), que levam a uma comparação mental entre o que o sujeito acha de si e o que ele acha que os outros esperam que ele seja. Por sua vez, estas comparações sociais levam a um julgamento da probabilidade de avaliação negativa por parte dos outros, provocando no sujeito uma grande activação relacionada com o medo de avaliação negativa.

O medo de avaliação negativa, e uma vez baseado em crenças acerca do eu, do mundo e dos outros, parece ter um início precoce, desenvolvendo-se ao longo da vida do indivíduo (Beidel, 1998; Furmark, 2002), e adquirindo um valor particular durante a adolescência (Pinto-Gouveia, 2000). Nesta fase, a integração social no grupo de pares é fundamental, constituindo, a par do desempenho em contexto escolar, uma situação social de extrema relevância (Papalia, Olds, & Feldman, 2001). Nesta altura do desenvolvimento, os comportamentos de evitamento, timidez e inibição que podem surgir associados a medos desta natureza serão menos bem vistos pelos pares (Neal & Edelman, 2003). Sendo a socialização entre pares um processo de constantes comparações sociais, durante o qual os adolescentes julgam os seus próprios comportamentos tendo em conta as normas do grupo (Rubin & Burgess, 2001) e a forma como eles próprios acreditam que os outros os vêem (Rapee & Heimberg, 1997), compreende-se a importância do medo de avaliação negativa na adolescência.

Existem já alguns estudos feitos acerca do medo de avaliação negativa que são interessantes para o presente estudo, permitindo, também, uma maior clarificação do conceito. Num estudo levado a cabo por Pitarch (2010) sobre a versão breve da Escala do Medo de Avaliação Negativa, numa amostra não clínica de estudantes universitários espanhóis, concluiu-se que o medo de avaliação negativa é mais preponderante no sexo feminino do que no masculino. O medo de avaliação negativa aparece, ainda, relacionado com a interpretação das situações, uma vez que altos valores neste constructo estão associados a uma tendência mais elevada para interpretar as situações como ameaçadores, bem como a valores mais elevados de depressão (Gallego, Botella, Quero, Baños, & García-Palacios, 2007).

### **3. Relação entre a Agressividade e o Medo de Avaliação Negativa**

O recurso a comportamentos agressivos por parte de crianças e adolescentes parece estar associado, ocorrendo concomitantemente, com uma grande diversidade de dificuldades a nível académico, psicológico e social, destacando-se problemas com o grupo de pares (e.g. rejeição), sintomas de ordem ansiosa ou de alteração do humor, delinquência, entre outros (Marsee, et al., 2011).

Até à data, poucos estudos examinaram as relações entre a ansiedade social, a regulação emocional e os comportamentos de risco como a agressividade (Kashdan & McKnight, 2010), nomeadamente no que se refere à possível relação entre o medo de avaliação negativa e os comportamentos de agressividade.

A resposta prototípica associada sobretudo ao modelo evolutivo da ansiedade de “lutar ou fugir”, nos ansiosos sociais, parece poder assumir a forma de “fugir ou evitar”. Contudo, dependendo do contexto, alguns sujeitos parecem mesmo “lutar”, comportando-se de forma agressiva (Kashdan, Collins, & Elhai, 2006; Pinto-Gouveia, 2000). De facto, parecem existir ansiosos sociais que reagem de forma estrategicamente diferente ao medo de avaliação negativa, através de comportamentos agressivos, que derivam da sua interpretação enviesada das atitudes ambíguas emitidas pelos outros, que leva a que estes sintam raiva e ansiedade (Kashdan & McKnight, 2010).

Alguns estudos recentes defendem que a ansiedade social típica está positivamente associada com problemas de manejo da raiva, incluindo reacções de raiva ao criticismo e à rejeição e tentativas de suprimir essas reacções (Erwin, Heimberg, Schneier, & Liebowitz, 2003). Como tal, o “rejeitar antes de ser rejeitado” parece ser importante para perceber o porquê de existirem ansiosos sociais que tentam regular o ambiente social sendo agressivos (Kashdan et al., 2006).

Deste modo, e dada a comorbilidade que se têm verificado entre a ansiedade social e, por exemplo o consumo de substâncias (Rapee & Spence, 2004) e comportamentos agressivos (Kashdan et al., 2006; Kashdan & Hofmann, 2008; Kashdan & McKnight, 2010), torna-se pertinente perceber de que forma o medo de avaliação negativa, uma vez que se apresenta como pedra fundamental da ansiedade social, se poderá encontrar relacionado com outro tipo de comportamentos (que não os de inibição e timidez) como a agressividade, nos jovens.

Poderá considerar-se existirem dois grupos de ansiosos sociais. Um grupo que revela elevados medos sociais, padrões de evitamento e taxas reduzidas de envolvimento em situações novas, apresentando uma série de comportamentos evitantes e submissos, e outro grupo, que apresenta taxas elevadas de envolvimento em situações novas, apresentando comportamentos hostis e dominantes (Kashdan & Hofmann, 2008; Kashdan & McKnight, 2010). Pode, então, assumir-se que alguns sujeitos com problemas de ansiedade social enveredem por comportamentos agressivos com a finalidade de, estrategicamente, regularem a sua ansiedade (Kashdan & Hofmann, 2008).

Assim, e porque a impulsividade, imprevisibilidade e hostilidade aparecem associadas com o envolvimento em situações novas e comportamentos de risco, é concebível que comportamentos como a agressividade e o uso de substâncias sejam mais comuns neste segundo grupo de ansiosos sociais, os hostis e mais dominantes. Este tipo de comportamentos externalizantes têm, contudo, a mesma função dos mais internalizantes – evitar temporariamente a avaliação negativa e a ansiedade

provocada pela situação social (Kashdan & Hofmann, 2008).

A maioria dos sujeitos com fobia social generalizada utilizam o evitamento e a inibição comportamental para lidar com os estímulos sociais, o que acaba por manter a perturbação, impedindo-os de se envolverem em actividades desconfirmatórias (Kashdan & Hofmann, 2008; Pinto-Gouveia, 2000). No entanto, o envolvimento em comportamentos de risco, ainda que com a finalidade de regular a ansiedade, pode ser analisado, em última instância, também como um evitamento, não da situação geradora de ansiedade, mas da avaliação negativa temida. Também este comportamento mantém o ciclo de ansiedade social, ao acarretar consequências sociais negativas, que advêm necessariamente dos comportamentos hostis adoptados.

Com a reformulação do modelo da Frustração-Raiva, proposto por Dollard e colaboradores (1939) e revisto por Berkowitz (1962, 1978), o papel das cognições passou a ser determinante ao estudar a génese do comportamento agressivo, revelando que as expectativas assumem uma grande importância quando se pretende analisar o grau de raiva e da própria agressividade (Feshbach, 1997; Kashdan et al., 2006). Não é a avaliação negativa, mas os pensamentos que os sujeitos têm que influenciam fortemente o seu comportamento agressivo (Feshbach, 1997). Se antes se acreditava que a frustração podia ser a causa, *per se*, dos comportamentos agressivos, uma abordagem mais cognitiva, veio considerar que a relação entre eles é moderada pelos pensamentos, atribuições e expectativas que os indivíduos com ansiedade social têm acerca da situação social, da avaliação que os outros farão de si e das consequências dos seus comportamentos (Feshbach, 1997; Kashdan et al., 2006; Rapee & Heimberg, 1997).

Um estudo levado a cabo por Kashdan e colaboradores (2006) mostrou que, de facto, as expectativas positivas moderam a relação entre a ansiedade social e os comportamentos sexuais de risco e comportamentos agressivos, e que o medo tem um efeito diferenciado nas preferências pelo risco, pois os sujeitos com medos sociais excessivos tendem a ser mais aversivos ao risco, em contextos sociais. Contudo, existem indivíduos com expectativas positivas em relação às consequências dos seus comportamentos que podem comportar-se agressivamente para obter recompensas sociais infrequentes (por exemplo, reconhecimento e aceitação social, a curto prazo), enquanto que, concomitantemente, se distraem da sua atenção hiper-focada no perigo.

Paralelamente a estes estudos recentes acerca da relação entre a ansiedade social, o medo de avaliação negativa e os comportamentos agressivos, a Teoria do *Ranking* Social também defende a ideia de que os membros “inferiores” na pirâmide social podem estar perto de serem excluídos do grupo social. Desta forma, indivíduos com ansiedade social, hipersensíveis à sua posição social e ao possível ostracismo, podem perceber os comportamentos de risco como representativos dos sujeitos que estão num nível social superior, aumentando a probabilidade de incidência deste tipo de comportamentos ao esperarem obter recompensas sociais

típicas deste nível superior. Estes valores podem derivar, primeiro, dos princípios da aprendizagem social, pela descoberta de que os líderes do *ranking* social (os modelos) são reforçados pelos comportamentos de risco e, segundo, os indivíduos podem enveredar numa série de tentativas e erros até ganhar mais reforço social do que punições (Gilbert, 2000; Gilbert & Miles, 2000; Kashdan et al., 2006; Weisman, Adreka, Marom, Hermesh, & Gilboa-Schechtman, 2011).

Assim, de entre os dois sistemas que podem mediar a relação social, o de afiliação e o baseado no *ranking* social, os ansiosos sociais tendem a escolher o último. Assumem uma tendência para interpretar as situações sociais e interpessoais de um modo mais competitivo do que afiliativo, recorrendo mais, portanto, ao sistema de *ranking* social, o que pode enfatizar a sua visão de inferioridade e inadequação (Trower & Gilbert, 1989; Weisman et al., 2011), bem como a sua tentativa de ascender no *rank* social, fazendo uso dos comportamentos que consideram permitir-lhe obter maior prestígio e nível na pirâmide.

Existem, também, novas evidências de que experiências relacionadas com o criticismo, a posição no *ranking* social percebida e os tipos de (auto ou hetero) desvalorização, desempenham um papel importante na compreensão quer da vergonha, quer da ansiedade social. As experiências de vergonha, que podem levar à ansiedade, nomeadamente à ansiedade social (Gilbert, 1998; Gilbert & Trower, 1990), raiva e tristeza, associam-se, geralmente, à percepção de que se é criticado, subavaliado e rejeitado pelos outros, porque se é socialmente menos atractivo, indesejável ou inferior (Gilbert, 1998; Gilbert & Miles, 2000; Tangney, 1996), o que parece sobrepor-se com a definição do medo de avaliação negativa. O medo de avaliação negativa continua, portanto, a constituir uma dimensão relevante da psicopatologia, também presente nos novos modelos conceptuais, nomeadamente nos que se baseiam na perspectiva evolucionária do ser humano.

O facto de ser desvalorizado pelos outros ou o facto de se desvalorizar a si próprio não são exclusivos, na medida em que o indivíduo pode sentir vergonha e, ao mesmo tempo, sentir raiva pela pessoa que o criticou (Tangney et al., 1996). A raiva é, de facto, uma experiência comum para aqueles que são envergonhados e criticados por outros o que pode levar ao contra-ataque e até mesmo à violência (Tangney et al., 1996; Tedeschi & Felson, 1994; cit. por Gilbert & Miles, 2000). Por exemplo, como defendido por Cohen, Vandello e Rantilla (1998), os insultos/críticas podem levar à activação da raiva, sendo que os factores culturais podem influenciar o grau em que os indivíduos acreditam que têm o direito a contra-atacar, respondendo com agressividade, com o objectivo de defender a sua honra.

Assim, parece cada vez mais encontrar-se evidência de que existe uma relação entre a rejeição, real e percebida, e reacções hostis e agressivas (Leary et al., 2006), e que o facto de o *focus* da ansiedade social ser orientado para as pistas relacionais pode levar a que a atenção focada e as atribuições negativas dadas ao comportamento dos outros possam

predizer a agressividade relacional (Culotta & Goldstein, 2008), uma vez que esta resposta agressiva seria levada a cabo num contexto que envolve terceiros e, portanto, relações sociais.

Mais especificamente, externalizações de raiva e agressão podem expressar dominância, uma forma de ganhar respeito e aceitação e evitar perder o *status* social (Leary et al., 2006). Contudo, estes benefícios parecem ser apenas a curto prazo, pois existem custos, tais como a rejeição pelos pares e perda de relações sociais (Card & Little, 2006).

Tendo em conta o carácter recente do interesse pela relação entre a agressividade e os comportamentos agressivos, o principal objectivo deste trabalho será explorar e caracterizar os estilos interpessoais que poderão estar associados ao medo de avaliação negativa e ansiedade social, desde o evitamento social à agressividade.

## II - Objectivos e Hipóteses

Os objectivos que se pretendem atingir nesta investigação são:

1. Validar a escala Medo de Avaliação Negativa – versão reduzida e específica numa amostra não clínica de adolescentes portugueses.
2. Analisar as associações entre o medo de avaliação negativa, a ansiedade social e a agressividade.
  - a) Avaliar as associações entre medo de avaliação negativa e o envolvimento em comportamentos de agressividade reactiva, proactiva, aberta e relacional.
  - b) Avaliar a associação entre a ansiedade social, o evitamento e o envolvimento em comportamentos de agressividade, reactiva, proactiva, aberta e relacional.

As hipóteses propostas tendo em conta o primeiro objectivo são:

H1: A solução factorial encontrada será unidimensional.

H2: O instrumento apresentará boas características psicométricas (Consistência interna, estabilidade temporal e validade de constructo).

As hipóteses propostas para o segundo objectivo são:

H1: Os sujeitos com medo de avaliação negativa elevado poderão ser agrupados em diferentes grupos, consoante o seu nível de agressividade: grupo 1 com alto medo de avaliação negativa e alta agressividade; grupo 2 com alto medo de avaliação negativa e baixa agressividade.

H2: Espera-se que existam diferenças significativas entre os grupos e os restantes sujeitos da amostra (grupo 3, com baixo medo de avaliação negativa):

- 2.1. O grupo 1 apresentará níveis mais elevados de agressividade que o grupo 2 e o grupo 3.
- 2.2. O grupo 2 apresentará valores mais elevados de ansiedade social e evitará mais do que o grupo 1.



2.3. O grupo 3 apresentará valores mais baixos de medo de avaliação negativa, ansiedade social e evitamento comparativamente aos outros dois grupos.

H3: No grupo 1, níveis mais elevados de medo de avaliação negativa estarão associados a níveis mais elevados de agressividade reactiva relacional.

H4: Nos grupos 1 e 2 valores mais elevados de ansiedade social estarão associados a valores mais elevados de agressividade reactiva.

H5: No grupo 2 é esperado que sujeitos com um maior medo de avaliação negativa obtenham, também, valores mais elevados na dimensão ansiedade social e na dimensão evitamento.

H6: Maiores níveis de evitamento estarão associados a menores níveis de agressividade.

### **III - Metodologia**

Nesta secção encontram-se descritas sucintamente as características da amostra, bem como é feita a nomeação dos instrumentos constituintes do protocolo de investigação, a descrição dos procedimentos de investigação e dos procedimentos estatísticos.

Uma vez que este trabalho está organizado sob a forma de dois artigos, a descrição pormenorizada dos instrumentos, da amostra e dos procedimentos de recolha de dados para a investigação, encontra-se no corpo dos artigos.

#### **1. Desenho do estudo**

O estudo levado a cabo foi do tipo transversal, uma vez que todas as medições foram levadas a cabo num único momento, não existindo, portanto, período de seguimento dos indivíduos.

#### **2. Caracterização da amostra**

Neste estudo foi recolhida uma amostra de conveniência de 518 adolescentes tardios do ensino secundário público dos distritos de Aveiro e Coimbra. A descrição detalhada das características sociodemográficas da amostra encontra-se descrita nas secções de metodologia dos artigos.

#### **3. Instrumentos de avaliação**

O protocolo utilizado para a presente investigação é constituído por uma ficha de dados sociodemográficos e três questionários de auto-resposta: o questionário de Medo de Avaliação Negativa-Específico – MAN-E (Rodebaugh et al., 2004; adaptado por Vagos, Rijo, & Santos, 2011), foco de aferição para a população portuguesa neste estudo; a Escala de Ansiedade e Evitamento de Situações Sociais para Adolescentes (Cunha, Pinto Gouveia & Salvador, 2008) e a Escala de Conflito entre Pares – ECEP (Marsee & Frick, 2011; traduzida por Vagos, Rijo & Santos, 2011).

A descrição pormenorizada dos instrumentos utilizados encontra-se

apresentada nos artigos.

#### 4. Procedimentos de recolha de dados

Os procedimentos de recolha de dados encontram-se descritos nos artigos constituintes deste trabalho, focando-se nos estabelecimentos de ensino contactados e nas autorizações necessárias à condução desta investigação.

#### 5. Procedimentos Estatísticos

Após a recolha dos dados, procedeu-se ao tratamento estatístico dos mesmos recorrendo ao *Statistical Package for the Social Sciences* (SPSS, versão PASW 18.0).

Com o objectivo de caracterizar a amostra quanto às suas características sociodemográficas, procedeu-se ao cálculo de frequências, médias e desvios-padrão. Seguidamente, foram realizados os testes *t de student* e *Chi-quadrado*, para averiguar a distribuição de algumas características sociodemográficas entre os géneros feminino e masculino, no sentido de fundamentar a análise de dados diferenciada por género.

A fim de estudar as características psicométricas da escala de Medo de Avaliação Negativa (estudo apresentado no artigo 1), na sua versão breve e específica, foram realizadas os seguintes procedimentos: (1) os 8 itens do instrumento foram submetidos a uma análise de componentes principais, seguida de rotação *Varimax*; (2) foi calculada a medida de Kaiser-Meyer-Olkin para testar a adequação da amostra a uma análise de componentes principais; (3) procedeu-se ao teste de esfericidade de Bartlett procurando demonstrar que a matriz de intercorrelações é significativamente diferente de uma matriz de identidade levando a concluir que a análise factorial foi exequível; (4) para testar o pressuposto da normalidade, procedeu-se ao teste de normalidade de Kolmogorov-Smirnov. Para efeitos de análise da consistência interna dos itens foram calculadas médias, desvios-padrão, correlações item-total e  $\alpha$  de Cronbach (se o item for removido) para todos os itens constituintes da escala. Com o objectivo de estudar a validade convergente da escala, realizaram-se correlações de Spearman entre o total do MAN-E e as subescalas e todas as dimensões da Escala de Ansiedade e Evitamento de Situações Sociais para Adolescentes, uma vez que a EAESSA não cumpria o pressuposto da normalidade.

Com o objectivo de analisar a existência de diferenças entre os géneros no que toca ao medo de avaliação negativa, foram comparadas as duas amostras (feminina e masculina) no total do MAN-E com recurso à estatística *t de student*. A medida do efeito das diferenças encontradas foi calculada através do *d* de Cohen.

No segundo estudo (apresentado no artigo 2), procedeu-se, em primeiro lugar, a uma análise de Clusters, levada a cabo com os sujeitos que pontuavam acima do percentil 75 no MAN-E, com o objectivo de identificar os grupos, tendo como base os valores de medo de avaliação negativa e agressividade. Foi tomado como referência o percentil 75 uma vez que o medo de avaliação negativa pode ser um sintoma

psicopatológico, partindo do princípio que apenas 25% dos sujeitos apresentariam valores elevados no que toca a este substracto cognitivo.

Depois de identificados os grupos, procedeu-se às comparações entre os grupos através dos seguintes procedimentos estatísticos: (1) realizou-se o teste de Kruskal-Wallis com o objectivo de perceber se os grupos diferiam entre si nas medidas de agressividade, ansiedade social e evitamento. Esta estatística foi utilizada pois as medidas não cumpriam o pressuposto da normalidade. (2) Com o objectivo de estudar as diferenças específicas entre os grupos nas variáveis referidas, realizou-se o teste de Mann-Whitney, com correcção de Bonferroni ( $p < .016$ ). (3) No que toca às comparações entre os grupos no medo de avaliação negativa, e uma vez que os resultados cumpriam o pressuposto da normalidade, foi realizada uma Análise de Variância (ANOVA). Dada a significância do teste da Homogeneidade das Variâncias, procedeu-se a um teste post-hoc de Bonferroni. Para cada grupo, foram, ainda, calculadas as estatísticas descritivas (média e desvio-padrão) em cada uma das variáveis em estudo, com o objectivo de completar as conclusões retiradas das análises entre os grupos. Foram, também, calculadas Correlações de Spearman e regressões entre todas as variáveis para cada um dos grupos, com o objectivo de estudar as suas associações.

#### **IV - Resultados**

Todos os resultados obtidos através das análises estatísticas realizadas e descritas anteriormente encontram-se descritos no corpo dos respectivos artigos.

Os resultados permitiram concluir, no primeiro caso, pela adequabilidade psicométrica do MAN-E. No segundo caso, demonstraram evidência preliminar da existência de dois grupos de sujeitos com medo de avaliação negativa, diferenciados nos níveis de agressividade relatados.

**Artigo 1 - A versão específica da escala de Medo de Avaliação Negativa – dimensionalidade e características psicométricas numa amostra de adolescentes**

(Artigo submetido à revista Laboratório de Psicologia do ISPA - Instituto Universitário de Ciências Psicológicas, Sociais e da Vida)

**A versão específica da escala de Medo de Avaliação Negativa –  
dimensionalidade e características psicométricas numa amostra de adolescentes**

Luísa Correia<sup>1</sup>, Paula Vagos<sup>2</sup>, Daniel Rijo<sup>3</sup>

Universidade de Coimbra

---

<sup>1</sup> Mestranda em Psicologia Clínica- Intervenções Cognitivo-Comportamentais nas Perturbações Psicológicas e Saúde.

<sup>2</sup> Investigadora (Pós-doutoramento) do Centro de Investigação do Núcleo de Estudos e Intervenção Cognitivo-Comportamental (CINEICC) da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra. [paulavagos@fpce.uc.pt](mailto:paulavagos@fpce.uc.pt)

<sup>3</sup> Professor Auxiliar e Investigador do Centro de Investigação do Núcleo de Estudos e Intervenção Cognitivo-Comportamental (CINEICC) da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra. Rua do Colégio Novo, Apartado 6153, 3001-802 Coimbra.

## Resumo

A escala de Medo de Avaliação Negativa (MAN) foi desenvolvida para avaliar a preocupação acerca de poder ser avaliado de forma negativa pelos outros. A sua versão reduzida (12 itens) foi estudada, tendo sido concluído por Rodebaugh e colaboradores (2004, 2011) que a utilização dos 8 itens cotados de forma directa (MAN-Reduzido) seria uma vantagem para a validade do constructo avaliado.

O principal objectivo deste estudo é estudar a dimensionalidade e as qualidades psicométricas da versão específica do MAN (MAN-Específico) numa amostra constituída por 518 adolescentes, de ambos os géneros, com idades compreendidas entre os 15 e os 18 anos, do Ensino Secundário Público dos distritos de Aveiro e Coimbra.

Os resultados obtidos indicam uma solução factorial de um único factor, que explica 62.92% da variância total da escala. O MAN-E apresentou uma consistência interna excelente ( $\alpha = .92$ ), bem como adequada validade convergente com as medidas de ansiedade e evitamento em situações sociais.

Os resultados do presente estudo permitem concluir que o instrumento apresenta boas características psicométricas numa amostra da população adolescente portuguesa e constitui, portanto, uma mais-valia na avaliação do medo de avaliação negativa nesta fase do desenvolvimento.

**Palavras-chave:** Medo de Avaliação Negativa; Ansiedade Social; Instrumentos de auto-resposta.

### Abstract

The Fear of Negative Evaluation Scale (FNE) was developed to evaluate the irrational thinking about the possibility of being observed and evaluated in a negative way by others in social contexts. However, Rodebaugh and colleagues (2004, 2011), pointed out that the 8-item version of the questionnaire, including the straightforward items, could be rather useful in assessing the fear of negative evaluation by others.

This paper's main goal is to study the factor structure and psychometric properties of the Specific Brief Fear of Negative Evaluation - Straightforward in a sample of 518 Portuguese adolescents, aged between 15 and 18, and recruited from high schools at the Aveiro and Coimbra regions.

The 1-factor solution that emerged explained 62.92% of the total scale variance. The SBFNE-S showed to possess excellent internal consistency (Cronbach's  $\alpha$  of .92) and an adequate convergent validity with measures of anxiety and avoidance in social situations.

These results indicate that the questionnaire has good psychometric properties in a sample of adolescents and it can be useful in the psychological assessment of fear of negative evaluation.

**Keywords:** Fear of Negative Evaluation; Social Anxiety; Self-report instruments.

O medo de avaliação negativa caracteriza-se por pensamentos irracionais acerca da possibilidade de ser julgado de forma negativa ou olhado de forma hostil pelos outros, quando num contexto social (Weeks et al., 2005). De acordo com os modelos cognitivo-comportamentais de ansiedade (Beck, Emery, & Greenberg, 1985; Clark & Wells, 1995; Clark & Beck, 2001; Clark, 2005), este substrato cognitivo está na origem da reacção emocional e comportamental subsequente, nomeadamente na ansiedade social (Pitarch, 2010).

A ansiedade social como quadro clínico foi reconhecida apenas em 1985, por Liebowitz (Pinto-Gouveia, 2000). Contudo, a ansiedade experimentada em situações sociais, mesmo sem constituir um quadro clínico, pode ser experienciada por qualquer sujeito que apresente um medo de avaliação negativa quando numa situação social (Pinto-Gouveia, 2000; Vagos, 2010).

De acordo com Clark e Beck (2001), a ansiedade social tem como correlatos cognitivos os auto-esquemas disfuncionais, as crenças em relação à avaliação social e as expectativas elevadas em relação ao “funcionamento social ideal”. Os ansiosos sociais têm tendência a ver-se a si próprios como desinteressantes, diferentes dos outros e inadequados (Pinto-Gouveia, 2000), sendo que é frequente encontrar presente nestes indivíduos a ideia de que “se os outros perceberem como realmente sou vão rejeitar-me” (Pinto-Gouveia, 2000, p. 140), o que os leva, na maioria das vezes, a adoptar comportamentos de submissão e de inibição comportamental (Glick & Orsillo, 2011; Kashdan & McKnight, 2010; Vassilopoulos, 2009).

Segundo o modelo de Rapee e Heimberg (1997), são as representações mentais do próprio sujeito acerca de si como objecto de atenção por parte dos outros (audiência), que levam a uma comparação entre o que o sujeito acha de si e o que ele acha que os outros esperam que ele seja, que, por sua vez, leva a um julgamento da probabilidade de avaliação negativa por parte dos outros, provocando no sujeito uma grande activação relacionada com esse medo.

Existem, também, novas evidências que têm como base sobretudo os modelos evolucionários, de que experiências relacionadas com o criticismo, a posição no *ranking social* percebida e os tipos de (auto ou hetero) desvalorização, desempenham um papel importante na compreensão quer da vergonha, quer da ansiedade social. As experiências de vergonha, que podem levar à ansiedade, nomeadamente à ansiedade social (Gilbert, 1998; Gilbert & Trower, 1990), raiva e tristeza, associam-se, geralmente, à percepção de que se é criticado, subavaliado e rejeitado pelos outros, porque se é socialmente menos atractivo, indesejável ou inferior (Gilbert, 1998; Gilbert & Miles, 2000; Tangney, 1996), o que parece sobrepor-se com a definição do medo de avaliação negativa. O medo de avaliação negativa continua, portanto, a constituir uma dimensão relevante da psicopatologia, também presente nos novos modelos conceptuais, nomeadamente nos que se baseiam na perspectiva evolucionária do ser humano.

O medo de avaliação negativa parece ter um início precoce, desenvolvendo-se ao longo da vida do indivíduo (Beidel, 1998; Furmark, 2002), e adquirindo um valor particular durante a adolescência (Pinto-Gouveia, 2000). Nesta fase, a integração social no grupo de pares é fundamental, constituindo, a par do desempenho em contexto escolar, uma situação social de extrema relevância (Papalia, Olds, & Feldman, 2001). Nesta altura do desenvolvimento, os comportamentos de evitamento, timidez e inibição que podem surgir associados a medos desta natureza serão menos bem vistos pelos pares (Neal & Edelman, 2003). Sendo a socialização entre pares um processo de constantes comparações sociais, durante o qual os adolescentes julgam os seus próprios comportamentos tendo em conta as normas do grupo (Rubin & Burgess, 2001) e a forma como eles próprios acreditam que os outros os vêem (Rapee & Heimberg, 1997), compreende-se a importância do medo de avaliação negativa na adolescência.

O MAN foi desenvolvido para avaliar a apreensão acerca de ser avaliado negativamente por outros (Gallego, Botella, Quero, Baños, & García-Palacios, 2007; Leary, 1983). Tem sido utilizada em diversos países, como o Canadá e EUA (Carleton et al., 2006), a Espanha (Pitarch, 2010), entre outros, e com diferentes amostras, clínicas (Gallego et al., 2007) e não clínicas



(Carleton et al., 2006; Pitarch, 2010). Estes trabalhos têm permitido concluir que a escala original possui índices de consistência interna elevados e uma validade convergente significativa com outras medidas de fobia social (Carleton et al., 2006; Gallego et al., 2007; Pitarch, 2010; Rodebaugh et al., 2004, 2011; Weeks et al., 2005).

Os estudos da versão reduzida composta por 12 itens (Leary, 1983) (oito cotados de forma directa e 4 cotados de forma invertida) concluíram que a utilização de apenas oito itens (os cotados de forma directa), apresenta vantagens para a validade de constructo do instrumento (Rodebaugh et al., 2004, 2011; Weeks et al., 2005).

Uma análise cuidada dos itens que constituem esta versão reduzida do instrumento, proposta por Rodebaugh e colaboradores (2004, 2011) e Weeks e colaboradores (2005), levantou algumas dúvidas quanto à sua validade facial. A depuração dos itens permitiu fixar a escala reduzida em itens que avaliam especificamente medos e preocupações com a avaliação negativa por terceiros, sendo eliminados os itens que podem reflectir alguma atenção à avaliação por parte dos outros, mas não o receio específico de que essa avaliação seja negativa. Por exemplo, o item “Mesmo quando a opinião dos outros não importa, preocupo-me com o que possam pensar de mim” passou para “Mesmo quando a opinião dos outros não importa, preocupo-me que possam pensar mal de mim”.

Assim, o presente trabalho pretende validar para a população portuguesa adolescente, esta versão específica da escala de Medo de Avaliação Negativa (MAN-E).

## Metodologia

### Amostra

Neste estudo foi recolhida uma amostra de conveniência de 518 adolescentes do ensino secundário público dos distritos de Aveiro e Coimbra. O quadro 1 sumaria as características sociodemográficas da amostra do estudo.

A amostra total é constituída, na sua maioria, por sujeitos do sexo feminino (57.70%). A maioria dos sujeitos da amostra pertencem a famílias de um nível socioeconómico baixo (56.50%) e as idades estão compreendidas entre 15 e 18 anos ( $M = 16.53$ ;  $DP = 1.05$ ).

No que toca à percentagem de alunos por número de anos de escolaridade concluídos, 31.6% têm 9 anos de escolaridade, 33.5% têm 10 anos de escolaridade e 34.5% concluíram 11 anos de escolaridade.

Quadro 1. *Características sociodemográficas da amostra total e por géneros*

	Masculino ( $N = 219$ )		Feminino ( $N = 299$ )		Total ( $N = 518$ )		<i>t</i>	<i>p</i>
	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>		
<b>Idade</b>	16.54	1.10	16.53	1.00	16.53	1.05	.16	.87
<b>Anos Escolaridade</b>	9.98	.80	10.08	.84	10.04	.82	- 1.49	.14
<b>Número de reprovações</b>	.70	.89	.51	.72	.59	.80	2.47	.01
	<i>n</i>	%	<i>n</i>	%	<i>n</i>	%	$X^2$	<i>P</i>
<b>Nível Socioeconómico</b>								
<b>Baixo</b>	111	22.2	170	34.1	281	56.3		
<b>Médio</b>	89	17.8	122	24.4	211	42.3	5.12	.12
<b>Elevado</b>	6	1.00	1	.20	6	1.2		

Nas comparações por géneros, verificámos que não existem diferenças quanto à distribuição dos sujeitos por anos de escolaridade concluídos, número de reprovações prévias,

idade e nível socioeconómico (quadro 1).

### **Instrumentos**

**Ficha de dados sociodemográficos.** A informação sociodemográfica recolhida inclui o género dos participantes, anos de escolaridade concluídos, número de reprovações, agregado familiar, e profissão dos pais, estes últimos com o objectivo de apurar o nível socioeconómico (codificado de acordo com a proposta de Simões, 1994).

**Medo de Avaliação Negativa-Específico – MAN-E** (Rodebaugh et al., 2004; adaptada por Vagos, Rijo, & Santos, 2011). Trata-se de uma escala desenvolvida para avaliar a apreensão acerca da avaliação negativa, tendo os sujeitos de responder a 8 afirmações, tal como proposto por Rodebaugh e colaboradores (2004) e Weeks e colaboradores (2005), indicando o grau com que se identificam com as mesmas, numa escala de Likert de cinco pontos (1 *nada parecido comigo* – 5 *extremamente parecido comigo*).

No estudo de Rodebaugh e colaboradores (2004), o total da escala obteve uma consistência interna elevada ( $\alpha = .94$ ).

Uma vez que o objectivo principal desta investigação foi estudar a dimensionalidade desta escala, tendo em conta a avaliação específica do medo de avaliação negativa, as características psicométricas encontradas na amostra em estudo são descritas na secção Resultados.

**Escala de Ansiedade e Evitamento de Situações Sociais para Adolescentes** (Cunha, Pinto Gouveia & Salvador, 2008). É um instrumento de auto-resposta que avalia o grau de desconforto e de evitamento em várias situações sociais, representativas dos medos sociais mais comuns nos adolescentes portugueses. Foi construída especificamente para jovens dos 12 aos 18 anos da população geral. Podem obter-se pontuações das duas subescalas de resposta – Ansiedade e Evitamento – e uma pontuação total, que resulta do somatório das pontuações obtidas nas duas subescalas (Cunha, Pinto Gouveia & Salvador, 2008).

No estudo levado a cabo pelos autores, com uma amostra de 2190 adolescentes portugueses, foram apresentados índices de uma elevada consistência interna para o total da escala ( $\alpha = .95$ ) e para as subescalas Ansiedade ( $\alpha = .92$ ) e Evitamento ( $\alpha = .88$ ). Os índices de consistência interna das 6 dimensões de cada subescala variam entre  $\alpha = .54$  (Comer e beber em público - evitamento) e  $\alpha = .84$  (Interação com o sexo oposto – ansiedade) (Cunha et al., 2008).

Neste estudo, foram obtidos índices de consistência interna elevados para o total da escala ( $\alpha = .97$ ) e para as subescalas Ansiedade e Evitamento ( $\alpha = .96$ ;  $\alpha = .95$ ). O mesmo se passou com as 6 seis dimensões de cada subescala (ansiedade e evitamento, respectivamente): Interação com o sexo oposto ( $\alpha = .89$ ;  $\alpha = .90$ ); Interação assertiva, ou seja, desempenho social em situações que requeiram competências assertivas ( $\alpha = .88$ ;  $\alpha = .76$ ); Observação por outros em situações nas quais o desempenho pessoal possa ser observado ( $\alpha = .88$ ;  $\alpha = .84$ ); Interação em situações sociais novas ( $\alpha = .86$ ;  $\alpha = .80$ ); Desempenho em situações sociais formais, nomeadamente, em contexto escolar ( $\alpha = .80$ ;  $\alpha = .83$ ); Comer e beber em público, ou seja, exposição pública ( $\alpha = .79$ ;  $\alpha = .82$ ).

### **Procedimentos de Recolha de dados**

A recolha de dados foi realizada com a autorização da Direcção Geral de Inovação e de Desenvolvimento Curricular (DGIDC), dos conselhos executivos das escolas e dos encarregados de educação dos alunos com idades compreendidas entre os 15 e os 18 anos. Foram contactadas seis escolas secundárias públicas dos distritos de Coimbra e Aveiro, das

quais três aceitaram participar na presente investigação.

Foi estabelecido contacto com os directores de turma com a finalidade de explicar o projecto de investigação e, posteriormente, os questionários foram entregues aos alunos, que responderam em casa, ou foram preenchidos em sala de aula, em tempo cedido pelo docente. O protocolo de investigação demorou, em média, aproximadamente 20 minutos a preencher. De sublinhar ainda que a ordem do preenchimento dos instrumentos foi aleatorizada, de modo a eliminar o efeito de eventuais enviesamentos na resposta. Após a conclusão da recolha de dados, excluíram-se da amostra os sujeitos que não preencheram na totalidade algum dos questionários incluídos no protocolo.

## Resultados

### Dimensionalidade da Escala

Os 8 itens que constituem o instrumento foram submetidos a uma análise de componentes principais, seguida de rotação *Varimax*. A medida de Kaiser-Meyer-Olkin (KMO = .91) revela uma muito boa adequação da amostra a uma análise de componentes principais, segundo o critério definido por Field (2009). O teste de esfericidade de Bartlett foi significativo ( $X^2 = 2472.166$ ;  $p < .001$ ), demonstrando que a matriz de intercorrelações é significativamente diferente de uma matriz de identidade e, portanto, a análise factorial é exequível.

A solução inicial permitiu extrair um único factor que explica 62.92% da variância total da escala, sendo que todos os itens saturam com cargas factoriais superiores a .72 no factor geral, como se ilustra no quadro 2.

Quadro 2. *Análise Factorial do MAN a 1 factor (N=518)*

Itens	Componentes
	F1
2	.83
4	.83
6	.82
3	.81
7	.79
5	.78
1	.76
8	.72
<b>Eigenvalues</b>	5.03
<b>% Variância</b>	62.92

### Sensibilidade da escala

Relativamente ao pressuposto da normalidade, pode concluir-se que a escala se aproxima da distribuição normal, quer considerando as medidas descritivas obtidas (Quadro 3), quer considerando o teste de normalidade de Kolmogorov-Smirnov ( $KS = 1.33$ ;  $p = .058$ ).

Quadro 3. *Características descritivas da escala (N=514)*

Medo de avaliação negativa							
Máximo	Mínimo	M	DP	Assimetria	Erro-padrão assimetria	Curtose	Erro-padrão curtose
8	40	21.11	7.26	.31	.11	-.46	.22

### Consistência Interna e Fidelidade da escala

Para efeitos de análise da consistência interna dos itens foram calculadas médias, desvios-padrão, correlações item-total e  $\alpha$  de Cronbach se o item for removido para os 8 itens constituintes da escala. Como se mostra quadro 4, o índice de fiabilidade para o total da escala revela uma consistência interna excelente ( $\alpha$  de Cronbach = .92) e nenhum dos itens, se retirado, incrementaria este valor.

Quadro 4. *Propriedades dos itens da escala de Medo de Avaliação Negativa-Específica (N = 518)*

Factor e Itens	M	DP	Correlação Item -Factor	Alpha de Cronbach se item excluído	Alpha de Cronbach
<b>Total</b>	21.13	7.27			.92
1	2.76	1.11	.68	.91	
2	2.60	1.16	.77	.90	
3	2.56	1.15	.74	.90	
4	2.38	1.11	.76	.90	
5	2.40	1.16	.71	.91	
6	2.77	1.09	.76	.90	
7	2.63	1.24	.72	.91	
8	3.03	1.13	.64	.91	

### Validade convergente

Realizaram-se correlações de Spearman entre o total do MAN-E e as subescalas e todas as dimensões da Escala de Ansiedade e Evitamento de Situações Sociais para Adolescentes.

Todas as dimensões da EAESSA da subescala de Ansiedade e da subescala de Evitamento se correlacionam positiva e significativamente ( $p < .01$ ) com o único factor do MAN-E, como mostra o quadro 6. O mesmo se verifica para o total das duas subescalas e para o total da escala.

Quadro 5. *Validade convergente com a EAESSA (N = 518)*

Dimensões EAESSA	MAN
Ansiedade Total	.48**
Interacção sexo oposto	.38**
Interacção assertiva	.47**
Observação por outros	.43**
Interacção situações sociais novas	.42**
Desempenho situações sociais formais	.41**
Exposição pública	.30**
Evitamento Total	.34**
Interacção sexo oposto	.28**
Interacção assertiva	.32**
Observação por outros	.23**
Interacção situações sociais novas	.29**
Desempenho situações sociais formais	.26**
Exposição pública	.22**
<b>TOTAL</b>	<b>.42**</b>

\*\* $p < .01$

A magnitude das correlações foi moderada na maioria dos casos, indicando estarem a ser avaliadas diferentes dimensões nos dois instrumentos.

### Diferenças entre géneros

Com o objectivo de analisar a existência de diferenças entre os géneros, foram comparadas as duas amostras (218 rapazes e 296 raparigas) no total do MAN-E com recurso à estatística *t de student*.

Os resultados do teste revelam que existem diferenças estatisticamente significativas no medo de avaliação negativa, sendo que as raparigas apresentam valores médios mais elevados do que os rapazes. Este efeito é moderado ( $d$  de Cohen = -.438).

Quadro 6. Comparação entre géneros no Medo de Avaliação Negativa

Dimensão MAN	Masculino ( <i>n</i> = 218)		Feminino ( <i>n</i> = 296)		<i>t</i>	<i>p</i>
	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>		
Medo de Avaliação Negativa	19.33	6.72	22.42	7.37	-4.88	.000

## Discussão

O objectivo deste estudo foi o de validar a escala de Medo de Avaliação Negativa – Específica, na sua versão portuguesa, numa amostra de adolescentes tardios.

Os resultados obtidos indicam que o MAN-E possui boas características psicométricas, do ponto de vista da validade factorial, sensibilidade, consistência interna e validade convergente.

Os resultados da dimensionalidade da escala suportam a existência de uma estrutura unifactorial, tal como esperado e encontrado por Pitarch (2010). Como tal, a utilização da escala na sua versão reduzida e específica, tal como recomendado por Rodebaugh e colaboradores (2004), colhe apoio nos resultados que obtivemos. Além disso, a aplicação da versão específica do instrumento poderá permitir colmatar os enviesamentos decorrentes da possível interpretação dúbia dos itens.

Os resultados dos estudos de validade convergente mostram associações moderadas, positivas e significativas entre o medo de avaliação negativa (medido pelo MAN-E) e as dimensões de ansiedade e evitamento (medidos pela EAESSA), o que vai de encontro ao esperado, dado que, embora não representando o mesmo constructo, estes estão intimamente relacionados. As associações mais expressivas se verificaram entre o MAN-E e o total da dimensão de ansiedade avaliada pela EAESSA.

De acordo com as propostas do modelo cognitivo (Beck, Emery, & Greenberg, 1985; Clark & Wells, 1995; Clark & Beck, 2001; Clark, 2005), o medo de avaliação negativa (substracto cognitivo) parece estar mais relacionado com a resposta emocional de ansiedade e dificuldades de interacção, enquanto que nem todos os sujeitos que têm elevados valores de ansiedade social apresentam, obrigatoriamente, altos valores de evitamento (resposta comportamental). Pelo contrário, os sujeitos com elevado medo de avaliação negativa e ansiedade em situações sociais, podem apresentar diferentes respostas comportamentais como por exemplo, agressividade e impulsividade (Kashdan, Collins, & Elhai, 2006; Kashdan & Hofmann, 2008; Kashdan & McKnight, 2010), consumo de substâncias (Rapee & Spence, 2004) entre outros comportamentos de segurança.

A análise de diferenças entre géneros no medo de avaliação negativa permitiu concluir

que o MAN-E possui sensibilidade para diferenciar os grupos, uma vez que as raparigas apresentam mais preocupações com o facto de serem avaliadas negativamente por terceiros do que os rapazes. As diferenças encontradas apresentam um efeito moderado. Foram encontrados resultados idênticos no estudo com uma população não clínica de estudantes universitários de Pitarch (2010), no estudo com uma amostra de adolescentes levado a cabo por García-López e colaboradores (2001) e no estudo de Duke, Krishnan, Faith e Storch (2006). Estes resultados parecem relacionar-se com os papéis de género defendidos ao longo do processo de desenvolvimento e de socialização dos rapazes e raparigas (McLean & Anderson, 2009).

Segundo Bem (1981; cit. por McLean & Anderson, 2009) os rapazes e as raparigas são educados para se comportarem de determinada maneira, desenvolveram determinados traços e capacidades, característicos do seu género de pertença. Por exemplo, a expressão pública de comportamentos de ansiedade é menos aceite nos rapazes (Stevenson-Hinde & Shouldice, 1993), pelo que os resultados deste estudo poderão reflectir isso mesmo, aquando da resposta aos questionários.

Apesar de a amostra ser limitada a uma área geográfica restrita (região centro do país), o número elevado de sujeitos da amostra (N = 518) permite a utilização da escala com adolescentes portugueses da mesma faixa etária com alguma segurança.

Futuros estudos deverão estudar as características psicométricas desta medida em adolescentes mais novos, uma vez que estes resultados apenas se reportam a adolescentes com idades compreendidas entre os 15 e os 18 anos. Não tendo possível obter dados acerca da estabilidade temporal do MAN-E, futuros estudos deverão avaliar este aspecto.

Em conclusão, este estudo proporciona um instrumento robusto de avaliação do medo de avaliação negativa, adequado para a utilização na clínica e na investigação, adaptado para uma população adolescente e com um tempo curto de aplicação.

Sendo o medo de avaliação negativa importante por si só, a avaliação do mesmo ganha maior relevância nesta fase do desenvolvimento, bem como em contextos específicos de intervenção em que o medo de avaliação negativa é fundamental na conceptualização dos problemas e como foco de intervenção (e.g., nos indivíduos com ansiedade social).

## Referências

- Beck, A. T., Emery, G., & Greenberg, R. L. (1985). *Anxiety disorders and phobias :a cognitive perspective*. New York: Basic Books.
- Beidel, D. C. (1998). Social anxiety disorder: Etiology and early clinical presentation. *Journal of Clinical Psychiatry, 17*, 27-31.
- Carleton, R. N., McCreary, D. R., Norton, P. J., & Asmundson, G. J. G. (2006). Brief fear of negative evaluation scale - Revised. *Depression and Anxiety, 23*(5), 297-303. doi: 10.1002/da.20142
- Cunha, M., Pinto Gouveia, J., & Salvador, M. C. (2008). Social fears in adolescence: The Social Anxiety and Avoidance Scale for Adolescents. *European Psychologist, 13*(3), 197-213. doi: 10.1027/1016-9040.13.3.197
- Clark, D. M., & Wells, A. (1995). A cognitive model of social phobia. In R. Heimberg, M. Liebowitz, D. A. Hope & F. R. Schneier (Eds.), *Social phobia: Diagnosis, assessment and treatment* (pp. 69-93). New York: The Guilford Press.
- Clark, D. A., & Beck, A. T. (2001). *Cognitive therapy of anxiety disorders: Science and practice*. New York: The Guilford Press.
- Clark, D. M. (2005). A Cognitive Perspective on Social Phobia. In W. R. Crozier & L. E. Alden (Eds.), *The essential handbook of social anxiety for clinicians* (pp. 193-218). New

- York: John Wiley & Sons Ltd.
- Duke, D., Krishnan, M., Faith, M., & Storch, E. A. (2006). The psychometric properties of the Brief Fear of Negative Evaluation Scale. *Journal of Anxiety Disorders, 20*, 807-817. doi: 10.1016/j.janxdis.2005.11.002
- Field, A. (2009). *Discovering statistics using SPSS* (3 ed.). Los Angeles: SAGE.
- Furmark, T. (2002). Social phobia: overview of community surveys. *Acta Psychiatrica Scandinavica, 105*(2), 84-93. doi: 10.1034/j.1600-0447.2002.1r103.x
- Gallego, M. J., Botella, C., Quero, S., Baños, R. M., & García-Palacios, A. (2007). Propiedades psicométricas de la Escala de Miedo a la Evaluación Negativa versión breve (BFNE) en muestra clínica. *Revista de Psicopatología y Psicología Clínica, 12*, 163-176.
- García-López, L. J., Olivares, J., Hidalgo, M. D., Beidel, D. C., & Turner, S. M. (2001). Psychometric properties of the social phobia and anxiety inventory, the social anxiety scale for adolescents, the fear of negative evaluation scale, and the social avoidance distress scale in an adolescent Spanish-speaking population. *Journal of Psychopathology and Behavioral Assessment, 23*, 51-59. doi: 10.1027/1015-5759.20.3.172
- Gilbert, P. (1998). What is shame? Some core issues and controversies. In P. Gilbert & B. Andrews (Eds.), *Shame: Interpersonal behavior, psychopathology and culture* (pp. 3-36). New York: Oxford University Press.
- Gilbert, P., & Miles, J. N. V. (2000). Sensitivity to Social Put-Down: it's relationship to perceptions of social rank, shame, social anxiety, depression, anger and self-other blame. *Personality and Individual Differences, 29*, 757-774. doi: 10.1016/S0191-8869(99)00230-5
- Gilbert, P., & Trower, P. (1990). The evolution and manifestation of social anxiety. In W. R. Crozier (Ed.), *Shyness and embarrassment: Perspectives from social psychology* (pp. 144-177). Cambridge: Cambridge University Press.
- Glick, D. M., & Orsillo, S. M. (2011). Relationships among social anxiety, self-focused attention, and experiential distress and avoidance. *Journal of Cognitive and Behavioral Psychotherapies, 11*(1), 1-12.
- Kashdan, T. B., Collins, R. L., & Elhai, J. D. (2006). Social anxiety and positive outcome expectancies on risk-taking behaviors. *Cognitive Therapy and Research, 30*(6), 749-761. doi: 10.1007/s10608-006-9017-x
- Kashdan, T. B., & Hofmann, S. G. (2008). The high-novelty-seeking, impulsive subtype of generalized social anxiety disorder. *Depression and Anxiety, 25*(6), 535-541. doi: 10.1002/da.20382
- Kashdan, T. B., & McKnight, P. E. (2010). The darker side of social anxiety: When aggressive impulsivity prevails over shy inhibition. *Current Directions in Psychological Science, 19*(1), 47-50. doi: 10.1177/0963721409359280
- Leary, M. R. (1983). A brief version of the Fear of Negative Evaluation Scale. *Personality and Social Psychology Bulletin, 9*, 371-376. doi: 10.1177/0146167283093007
- McLean, C. P., & Anderson, E. R. (2009). Brave men and timid women? A review of the gender differences in fear and anxiety. *Clinical Psychology Review, 29*, 496-505. doi: 10.1016/j.cpr.2009.05.003
- Neal, J. A., & Edelman, R. J. (2003). The etiology of social phobia: Toward a developmental profile. *Clinical Psychology Review, 23*, 761-786. doi: 10.1016/S0272-7358(03)00076-X
- Papalia, D. E., Olds, S. W., & Feldman, R. D. (2001). Adolescência. In D. E. Papalia, S. W. Olds & R. D. Feldman (Eds.), *O mundo da criança* (pp. 502-610). Lisboa: McGraw-Hill.

- Pinto-Gouveia, J. (Ed.). (2000). *Ansiedade social: Da timidez à fobia social*. Coimbra: Quarteto Editora.
- Pitarch, M. J. G. (2010). Brief Version of the Fear of Negative Evaluation Scale - Straightforward Items (BFNE-S): Psychometric properties in a Spanish population. *Spanish Journal of Psychology*, 13(2), 981-989.
- Rapee, R. M., & Spence, S. H. (2004). The etiology of social phobia: Empirical evidence and an initial model. *Clinical Psychology Review*, 24(7), 737-767. doi: 10.1016/j.cpr.2004.06.004
- Rapee, R. M., & Heimberg, R. G. (1997). A cognitive-behavioral model of anxiety in social phobia. *Behaviour Research and Therapy*, 35(8), 741-756. doi: 10.1016/s0005-7967(97)00022-3
- Rodebaugh, T. L., Heimberg, R. G., Brown, P. J., Fernandez, K. C., Blanco, C., Schneier, F. R., et al. (2011). More reasons to be straightforward: Findings and norms for two scales relevant to social anxiety. *Journal of Anxiety Disorders*, 25, 623-630. doi: 10.1016/j.janxdis.2011.02.002
- Rodebaugh, T. L., Woods, C. M., Thissen, D. M., Heimberg, R. G., Chambless, D. L., & Rapee, R. M. (2004). More information from fewer questions: the factor structure and item properties of the original and Brief Fear of Negative Evaluation Scale. *Psychological Assessment*, 16, 169-181. doi: 10.1037/1040-3590.16.2.169
- Rubin, K. H., & Burgess, K. (2001). Social withdrawal. In M. W. Vasey & M. R. Dadds (Eds.), *The developmental psychopathology of anxiety* (pp. 407-434). Oxford: Oxford University Press.
- Simões, M. (1994). *Investigações no âmbito da aferição nacional do teste das matrizes progressivas coloridas de Raven (M. P. C. R.)*. Tese de Doutoramento apresentada à Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Coimbra, Coimbra.
- Stevenson-Hinde, J., & Shouldice, A. (1993). Wariness to strangers: A behavior systems perspective revisited. In K. H. Rubin & J. B. Asendorpf (Eds.), *Social withdrawal, inhibition, and shyness in childhood* (pp. 101-116). New York: Lawrence Erlbaum.
- Tangney, J. P. (1996). Conceptual and methodological issues in the assessment of shame and guilt. *Behaviour Research and Therapy*, 34(9), 741-754. doi: 10.1016/0005-7967(96)00034-4
- Vagos, P. E. (2010). *Ansiedade social e assertividade na adolescência*. Universidade de Aveiro, Aveiro.
- Vassilopoulos, S. P. (2009). Interpretations for safety behaviours in high and low socially anxious individuals. *Behavioural and Cognitive Psychotherapy*, 37(2), 167-178. doi: 10.1017/s1352465809005189
- Weeks, J. W., Heimberg, R. G., Fresco, D. M., Hart, T. A., Turk, C. L., Schneier, F. R., et al. (2005). Empirical validation and psychometric evaluation of the Brief Fear of Negative Evaluation Scale in patients with social anxiety disorder. *Psychological Assessment*, 17(2), 179-190. doi: 10.1037/1040-3590.17.2.179



**Artigo 2 - Aggressiveness and Fear of Negative  
Evaluation in a sample of Portuguese  
adolescents**

**Aggressiveness and Fear of Negative Evaluation in a sample of Portuguese  
Adolescents**

Luísa Correia<sup>1</sup>, Paula Vagos<sup>2</sup>, Daniel Rijo<sup>3</sup>

University of Coimbra

---

<sup>1</sup> Master student in Clinical Psychology, Cognitive-Behavioral Interventions on Psychological Disorders and Health

<sup>2</sup> Research Center of Study and Cognitive-Behavioral Intervention (CINEICC), Faculty of Psychology and Educational Sciences at the University of Coimbra. paulavagos@fpce.uc.pt

<sup>3</sup> Research Centre of Study and Cognitive-Behavioral Intervention (CINEICC), Faculty of Psychology and Educational Sciences at the University of Coimbra. Rua do colégio novo, Apartado 6153, 3001-802 Coimbra.

### Abstract

The relationship between the fear of negative evaluation and aggressive behavior has been focused in recent studies, because it can be an asset for the conceptualization of these phenomena, and of its relationship with social anxiety.

We examined the hypothesis that a subset of individuals with fear of negative evaluation can behave aggressively in order to deal with their negative feelings arising from the fear of negative evaluation, while others may chose a more inhibited and avoidant behavioral pattern. This study was carried out with a sample of 518 Portuguese adolescents, aged between 15 and 18, and recruited from high schools at the Aveiro and Coimbra regions. Students completed a research protocol, including self-report measures of fear of negative evaluation, social anxiety and aggression.

Cluster analysis indicates that individuals with high fear of negative evaluation may be divided in groups , but only one of these presents high levels of aggressiveness (non-typical socially anxious individuals), while the other presents low aggressiveness. The group of adolescents with low and average fear of negative evaluation presented lower results in the evaluated dimensions (normal individuals). Comparisons between the three groups suggested that they differ significantly from each other in fear of negative evaluation, aggressiveness and social anxiety. Moreover, taking into account the non-typical socially anxious group, the results of linear regressions suggest that fear of negative evaluation is a significant predictor of the reactive dimensions and the proactive overt dimension of aggressiveness.

Although preliminary, these findings suggest that a subset of individuals with fear of negative evaluation may engage in aggressive behaviors, in an attempt to regulate their emotions and avoid the feared negative evaluation. These findings may have important implications for clinical practice, by highlighting the existence of this particular group of socially anxious individuals, towards whom intervention needs to be adapted.

**Key words:** Fear of negative evaluation; Aggressive behaviors; Social anxiety

The fear of negative evaluation can be characterized by irrational thoughts about the possibility of being judged negatively by the others, in a social context (Weeks et al., 2005). According to the cognitive-behavioral models of anxiety, this cognitive construct is responsible for emotional and behavioral responses (Beck, Emery, & Greenberg, 1985; Clark & Wells, 1995; Clark & Beck, 2001; Clark, 2005), particularly in social anxiety (Pitarch, 2010).

Socially anxious people tend to see themselves as unattractive, inadequate, and different from others (Pinto-Gouveia, 2000). So, it is frequent to find in them the idea that “if others perceive how I really am, they will reject me” (Pinto-Gouveia, 2000, p. 140), which leads, in most cases, to the adoption of submissive and inhibited behaviors (Glick & Orsillo, 2011; Kashdan & McKnight, 2010; Vassilopoulos, 2009). This way of managing fear of negative evaluation, using avoidance and behavioral inhibition to deal with social stimuli, maintains social anxiety, by blocking the opportunity to engage in disconfirmatory activities (Kashdan & Hofmann, 2008; Pinto-Gouveia, 2000).

Other than this main group of socially anxious individuals, who reveal high social fears, avoidant and submissive patterns of behavior and reduced involvement rates in new situations, recent literature has pointed out another socially anxious group, that adopts hostile and dominant behaviors (Kashdan & Hofmann, 2008; Kashdan & McKnight, 2010). Because impulsivity and hostility are associated with the involvement in new situations and in risk behaviors, it is understandable that behaviors like aggressiveness and substance abuse are common in this second group of individuals with social anxiety (Kashdan & Hofmann, 2008; Kashdan & McKnight, 2010). These behaviors result from a biased and hostile interpretation attributed to others' ambiguous attitudes, which leads to feelings of anger and anxiety (Kashdan & McKnight, 2010).

The role of cognition has become a determinant when we intend to study the origin of aggressive behavior, showing that expectations assume a great deal of importance when analyzing the levels of anger and aggressiveness (Feshbach, 1997; Kashdan, Collins, & Elhai, 2006). The frustration-aggression model, proposed by Dollard and colleagues (1939) and revised by Berkowitz (1962, 1978), postulates that frustration could be the cause, by itself, of aggressive behaviors. However, a more cognitive approach suggests that the relationship between frustration and aggression is moderated by the individual's thoughts, attributions and expectations about the social situation, about other's evaluations of the self, and about the consequences of personal behaviors (Feshbach, 1997; Kashdan et al., 2006; Rapee & Heimberg, 1997). Aggressive behavior is influenced by thoughts, expectations and attribution the individual develops based on his personal fear of negative evaluation, even if this evaluation is not actually given by others (Feshbach, 1997). Faced with the subjective perception of negative evaluation from others, some people with social anxiety may use aggressive behaviors in order to strategically regulate their anxiety (Kashdan & Hofmann, 2008). Social anxiety is positively associated with anger management issues, which include anger reactions to criticism and rejection (Kashdan et al., 2006). This type of externalizing behavior serves the same function as internalizing behaviors, which it to temporarily avoid the expected negative evaluation and respective anxiety, triggered by the social situation (Kashdan & Hofmann, 2008). Manifestations of anger and aggressiveness may express a desire for dominance, a way to win respect and acceptance and avoid loss of social status (Leary, Twenge, & Quinlivan, 2006). However, these benefits seem to be short term since there are major costs, such as rejection by peers and loss of social relationships, which associated with aggressive and dominant behaviors (Card & Little, 2006).

To deal with their negative feelings arising from the fear of negative evaluation, this group of individuals, who also report social anxiety, may try to “reject before being rejected”, which seems to be an important issue when we want to understand why there are social anxious

people that try to regulate their social environment by being aggressive (Leary et al., 2006). Therefore, there seems to be socially anxious people who strategically react differently to the fear of negative evaluation, either through avoidance and submission, or through aggressive behavior (Kashdan & McKnight, 2010).

In line with these recent studies about the relationship between social anxiety, fear of negative evaluation and aggressive behaviors, the Social Rank Theory also defends that the "inferior" members of the social ranking pyramid may be close to being excluded from the social group and struggle to prevent it (Gilbert, 2000; Gilbert & Miles, 2000). Social anxious people have a tendency to interpret the social and interpersonal situations in a more competitive and less affiliative way, which can increase the perception of self-inferiority and self-inadequacy (Trower & Gilbert, 1989; Weisman, Adreka, Marom, Hermesh, & Gilboa-Schechtman, 2011) and hence activate the perceived need to try to prevent their social exclusion. Thus, social anxious people, hypersensitive to their social position and possible ostracism, may perceive risk behaviors as characteristic of individuals in a higher social level, either because they discovered that the leaders of the social rank (seen as models) are reinforced by risk behavior, or because of the idea that individuals can engage in a series of trial and error to gain more social reinforcement than punishments (Gilbert, 2000; Gilbert & Miles, 2000; Kashdan et al., 2006; Weisman et al., 2011). This theory also postulates that individuals may feel at the same time devaluated by others or by oneself, leading to feelings of personal shame, and, at the same time, anger towards the person which criticizes them (Tangney et al., 1996). Anger is indeed a common experience for those who are embarrassed and criticized by others (Tangney et al., 1996) which, therefore, can lead to counter-attack behaviors in an even more intensive violent way (Tedeschi & Felson, 1994; cit. in Gilbert & Miles, 2000).

Although there is a growing interest in this subject, (Leary et al., 2006), few studies have examined the association between social anxiety, emotional regulation and risk behaviors like aggressiveness (Kashdan & McKnight, 2010). To address this gap, the main goal of this work is to provide evidence for the existence of two groups of individuals with high fear of negative evaluation, who differ in levels of aggressiveness, and characterize these groups, considering that both avoidant and aggressive behavior can emerge as behavioral manifestations of the same cognitive construct.

## Method

### Participants

Participants included 518 adolescents recruited from secondary schools of Aveiro and Coimbra regions, aged 15 and 18 years old ( $M = 16.53$ ;  $DP = 1.05$ ).

Table 1. *Sample Sociodemographic characteristics*

	Males ( $N = 219$ )		Females ( $N = 299$ )		Total ( $N = 518$ )	
	M	DP	M	DP	M	DP
Age	16.54	1.10	16.53	1.00	16.53	1.05
Years of education	9.98	.80	10.08	.84	10.04	.82
School hold-backs	.70	.89	.51	.72	.59	.80
	<i>n</i>	%	<i>n</i>	%	<i>n</i>	%
<b>Socioeconomical Status<sup>a</sup></b>						
Low	111	22.2	170	34.1	281	56.3
Medium	89	17.8	122	24.4	211	42.3
High	6	1.00	1	.20	6	1.2

<sup>a</sup> 19 individuals did not provide interpretable information on their socioeconomical status.

The sample is constituted, in its majority, by females (57.70%;  $n = 299$ ) and students from low socioeconomic status (56.30%;  $n = 281$ ). The total sample had completed a mean of 10.04 school years, with a mean of .59 school hold-backs, being that 165 individuals (31.9%) had concluded 9 years, 174 (33.6%) had concluded 10 years, and 179 (34.6%) had concluded 11 years of education.

Comparing gender-based subgroups, there were no significant differences in years of education completed ( $t = -1.49$ ;  $p = .14$ ), socioeconomical status ( $X^2 = 5.12$ ;  $p = .12$ ) and age ( $t = .16$ ;  $p = .87$ ). We found significant differences in number of school hold-backs by gender-based groups ( $t = 2.47$ ;  $p = .01$ ). On average, boys have more school-hold backs than girls (Table 1).

### Procedures

Data collection obeyed ethical standards and required authorizations were given by the Ministry of Education, school boards, and student's tutors. From six public high schools contacted in Coimbra and Aveiro regions, three accepted to participate in this study, the remaining three refused based on timing issues. Having the schools authorization, each class teacher was then contacted to receive a brief explanation about the main goals and procedures of the present study and to distribute the authorizations by the students' tutors. After these authorizations had been given, students answered the self-report questionnaires (which took about 30 minutes) in their classroom or at home. The evaluation protocol included a socio-demographic sheet and the instruments used in this research, each one with its own instructions. The order of the instruments was randomized as a way to reduce response bias. Students' participation was volunteer and their confidentiality and secrecy were assured. Students' protocols that presented missing data were excluded from the study.

### Instruments

**Specific Fear of Negative Evaluation-Straightforward – SBFNE-S** (Rodebaugh et al., 2004; Portuguese adapted version by Vagos, Rijo, & Santos, 2011). This 8-item questionnaire assesses the irrational thinking about the possibility of being evaluated in a negative way by the others, in a social context. This version was proposed by Rodebaugh and colleagues (2004) and Weeks and colleagues (2005) and items were corrected to a language that refers specifically to the fear of negative evaluation. Items of this one-dimensional scale are answered in a 5-point Likert-type scale, ranging from 1 (“Not at all characteristic of me”) to 5 (“Extremely characteristic of me”).

In Rodebaugh and colleagues' (2004) study, the total scale obtained high internal consistency ( $\alpha = .94$ ). Previous works with its adapted Portuguese version ascertain its one-factor structure, its construct validity and its internal consistency ( $\alpha = .92$ ; Correia, Vagos, & Rijo, 2012). The Kolmogorov-Smirnoff test attests to these results following normal distribution ( $KS = 1.33$ ;  $p = .058$ ). In the present sample, the instrument has an excellent internal consistency ( $\alpha = .92$ ).

**Social Anxiety and Avoidance Scale for Adolescents** (Cunha, Pinto Gouveia & Salvador, 2008). This self-report questionnaire assesses anxiety and avoidance in several social events, representative of the most common social fears in Portuguese adolescents. It was specifically designed for adolescents with ages between 12 and 18 years old, from the general population (Cunha et al., 2008). Scores can be obtained for two dimensions - anxiety and avoidance, for the total of the scale, and for the six subscales that constitute each dimension

(Cunha et al., 2008).

In the study conducted by the authors, with a sample of 2190 Portuguese adolescents, high levels of internal consistency were found for the total scale ( $\alpha = .95$ ), and the Social Anxiety ( $\alpha = .92$ ) and Avoidance ( $\alpha = .88$ ) subscales (Cunha et al., 2008). In the present study, each scale showed to possess excellent internal consistency: total ( $\alpha = .97$ ), anxiety ( $\alpha = .96$ ) and avoidance ( $\alpha = .95$ ). The Kolmogorov-Smirnoff test attests to these results not following normal distribution (KS = 1.86;  $p = .000$ , for the total scale; KS = 1.69;  $p = .007$ , for anxiety and KS = 2.65;  $p = .000$ , for avoidance).

**Peer Conflict Scale** (Marsee & Frick, 2011; translated by Vagos, Rijo & Santos, 2011). This instrument is a 40-item self-report questionnaire that assesses various forms and functions of aggressive behaviors. It includes four 10-item subscales: Reactive overt, Reactive relational, Proactive overt and Proactive relational aggression. In the Portuguese version, each item is scored in a 1 (“Not at all true”) to 5 (“Definitely true”) Likert-type scale.

In a study carried out by Marsee and colleagues (2011), with a sample constituted of 855 adolescents, aged between 12 and 19 years old, all subscales showed good internal consistency ( $\alpha = .82$  for proactive overt;  $\alpha = .80$  for proactive relational;  $\alpha = .89$  for reactive overt, and  $\alpha = .79$  for reactive relational). Following the constitution for each subscale outlined by this work, the same dimensions showed good internal consistency in the present study ( $\alpha = .92$  for the overt dimensions and  $\alpha = .90$  for the relational dimensions). The Kolmogorov-Smirnoff test attests to these results not following normal distribution: KS = 6.37;  $p = .000$  for proactive overt KS = 5.82;  $p = .000$  for proactive relational, KS = 4.21;  $p = .000$  for reactive overt and KS = 4.85;  $p = .000$  for reactive relational.

## Results

### Cluster analysis

This analysis was performed selecting students who scored above the 75 percentile in SBFNE-S ( $N = 134$ ). Two clusters were found, with an adequacy index of cluster quality of 0.6, which refers to a good quality and cohesion of the two clusters extracted. As expected, there are two groups with high fear of negative evaluation, but which differ in aggressiveness (Table 2).

Table 2. *Descriptive measures of social anxiety, avoidance, aggressiveness and fear of negative evaluation, by groups (N = 518)*

Clusters	1 (N = 30)		2 (N = 104)		3 (N = 384)	
	5.8		20.1		74.1	
%	M	DP	M	DP	M	DP
Agressiveness						
Proactive Overt	21.00	7.30	10.88	1.56	13.39	5.80
Proactive Relational	21.47	6.71	11.84	2.27	13.49	5.54
Reactive Overt	24.90	7.94	13.22	3.17	16.93	7.62
Reactive Relational	23.23	7.16	13.03	2.80	14.40	5.79
Social Anxiety and Avoidance						
Total Social Anxiety	87.86	28.97	84.19	25.37	63.52	22.01
Total Avoidance	68.85	19.77	67.40	20.18	56.72	21.82
Fear of Negative Evaluation	30.60	3.99	30.66	3.65	17.74	4.80

The 1<sup>st</sup> group, which constitutes 22.4% ( $n = 30$ ) of the selected sub-sample presents

higher overall levels of aggressiveness than the 2<sup>nd</sup> group, which includes 77.6% (n = 104) of the selected sub-sample. Considering the total sample, the 1<sup>st</sup> group includes 5.79% of the individuals, the 2<sup>nd</sup> group includes 20.08%, and the 3<sup>rd</sup> group, which includes the non-selected sample, who scored lower than percentile 75 on the SBFNE-S, represents 74.13% (n = 384) of the individuals.

### Comparisons by groups

We performed a Kruskal-Wallis test in order to understand if the three groups differ from each other on measures of aggressiveness, social anxiety and social avoidance. This statistic was used because these measures did not follow a normal distribution in the complete sample. The three groups differ significantly from each other in all the study variables:  $X^2(2) = 71.26$ ;  $p = .00$  for Proactive Overt Aggression;  $X^2(2) = 50.38$ ;  $p = .00$  for Reactive Overt Aggression;  $X^2(2) = 57.86$ ;  $p = .00$  for Proactive Relational Aggression;  $X^2(2) = 53.39$ ;  $p = .00$  for Reactive relational Aggression;  $X^2(2) = 62.45$ ;  $p = .00$  for total Social Anxiety; and  $X^2(2) = 39.19$ ;  $p = .00$  for total Avoidance.

In order to study how the three groups differ amongst themselves in aggressiveness, social anxiety and avoidance, we proceeded to the Mann-Whitney test with Bonferroni correction ( $p < .016$ ). The 1<sup>st</sup> group, when compared with the 2<sup>nd</sup> group showed significantly different results in all dimensions of aggression: proactive overt ( $Z = -8.59$ ;  $p = .00$ ), proactive relational ( $Z = -7.72$ ;  $p = .00$ ), reactive overt ( $Z = -7.34$ ;  $p = .00$ ) and reactive relational ( $Z = -7.43$ ;  $p = .00$ ). We found the same results, comparing the 1<sup>st</sup> group with the 3<sup>rd</sup> group: proactive overt ( $Z = -6.89$ ;  $p = .00$ ), proactive relational ( $Z = -7.05$ ;  $p = .00$ ), reactive overt ( $Z = -5.37$ ;  $p = .00$ ) and reactive relational ( $Z = -6.92$ ;  $p = .00$ ). Comparing the 2<sup>nd</sup> and the 3<sup>rd</sup> groups, results showed significant differences in reactive overt aggression ( $Z = -3.78$ ;  $p = .00$ ) and in proactive overt aggression ( $Z = -3.76$ ;  $p = .00$ ), but not in proactive relational aggression ( $Z = -1.56$ ;  $p = .12$ ) and reactive relational aggression ( $Z = -.83$ ;  $p = .41$ ). Results showed that the 1<sup>st</sup> group presents high scores in all dimensions of aggression, followed by the 3<sup>rd</sup> group. The 2<sup>nd</sup> group presented the lowest aggressiveness levels (Table 2).

The 3<sup>rd</sup> group, when compared with the 1<sup>st</sup> and 2<sup>nd</sup> groups showed significantly different results for the total anxiety measure ( $Z = -4.364$ ;  $p = .00$ ;  $Z = -7.07$ ;  $p = .00$ , respectively) and for the total avoidance measure ( $Z = -3.51$ ;  $p = .00$ ;  $Z = -5.28$ ;  $p = .00$ , respectively). Groups 1 and 2 do not differ significantly among themselves regarding the total anxiety measure ( $Z = -.53$ ;  $p = .00$ ), and the total avoidance measure ( $Z = -.22$ ;  $p = .00$ ). The 3<sup>rd</sup> group presented the lowest results, when compared with the other two groups.

Relating to fear of negative evaluation, because its results followed a normal distribution in the present sample, we performed a one-way ANOVA in order to understand if the three groups differ from each other, and found a significant difference ( $F(2, 513) = 399.50$ ;  $p = .00$ ). Because the Test of Homogeneity of Variances was significant ( $p = .00$ ), we proceeded with a Bonferroni post-hoc test that revealed significant differences between groups 1 and 3 ( $p = .00$ ) and between groups 2 and 3 ( $p = .00$ ), but not between the 1<sup>st</sup> and the 2<sup>nd</sup> groups ( $p = 1.00$ ). As expected, the 3<sup>rd</sup> group presented the lowest results in fear of negative evaluation (Table 2).

### Social anxiety and fear of negative evaluation, by groups

No significant association was found between aggressiveness and total social anxiety in the 1<sup>st</sup> group, but, we found moderate positive associations between these variables in the 2<sup>nd</sup> ( $r_s = .35$ ;  $p = .00$ ) and the 3<sup>rd</sup> groups ( $r_s = .36$ ;  $p = .00$ ). Regression analysis indicates that fear of negative evaluation was a significant predictor of the social anxiety and avoidance only for the



2<sup>nd</sup> group ( $F(1,95) = 15.70$ ;  $p = .00$ ;  $F(1,95) = 21.30$ ;  $p = .00$ , respectively), and for the 3<sup>rd</sup> group ( $F(1,360) = 43.97$ ;  $p = .00$ ;  $F(1,359) = 8.29$ ;  $p = .00$ , respectively) (see table 3).

Table 3. *Fear of negative evaluation and aggressiveness, social anxiety and avoidance, within groups (N = 518)*

	Fear of Negative Evaluation								
	Group 1			Group 2			Group 3		
	$\beta$	$t$	$R^2\Delta$	$\beta$	$t$	$R^2\Delta$	$\beta$	$t$	$R^2\Delta$
Aggressiveness									
Proactive overt	.37	2.10	.11	-.08	-.80	.00	.04	.83	.00
Proactive relational	.22	1.20	.02	.04	.41	-.01	.13	2.47	.01
Reactive overt	.58	3.80	.32	.03	.26	-.01	.03	.52	.00
Reactive Relational	.41	2.36	.14	-.02	-.22	-.01	.13	2.58	.02
Social Anxiety and Avoidance									
Total Social Anxiety	.17	.88	-.01	.38	3.96	.13	.33	6.63	.11
Total Avoidance	.01	.02	-.04	.43	4.62	.18	.15	2.88	.02

### Fear of negative evaluation and aggressiveness, within groups

A moderate association ( $rs = .52$ ;  $p = .00$ ) was found between the reactive overt aggression and fear of negative evaluation, in the 1<sup>st</sup> group. Using regression analysis, we found that the fear of negative evaluation was a significant predictor of the reactive aggressiveness dimensions for the 1<sup>st</sup> group ( $F(1,377) = 14.47$ ;  $p = .00$ , for reactive overt and  $F(1,376) = 5.57$ ;  $p = .03$  for reactive relational) and of proactive overt dimension ( $F(1,375) = 4.44$ ;  $p = .04$ ).

In the 2<sup>nd</sup> group we found no significant associations between the fear of negative evaluation and aggressiveness. Accordingly, fear of negative evaluation did not proved to be a significant predictor of aggressiveness for this group.

In the 3<sup>rd</sup> group, we found weak associations between fear of negative evaluation and proactive relational aggression ( $rs = .12$ ;  $p = .02$ ) and reactive relational aggression ( $rs = .15$ ;  $p = .00$ ). Using regression analysis, we found that fear of negative evaluation was a significant predictor of the relational aggressiveness dimensions for the 3<sup>rd</sup> group ( $F(1,377) = 6.12$ ;  $p = .01$ , for proactive relational, and  $F(1,376) = 6.64$ ;  $p = .01$  for reactive relational).

### Social anxiety and avoidance and aggressiveness, within groups

There were no significant associations between aggressiveness and overall dimensions of social anxiety and avoidance in any of the groups with high fear of negative evaluation (groups 1 and 2).

In the group 3, we found weak associations between social anxiety and proactive relational and reactive aggression ( $rs = .14$ ;  $p = .01$ ;  $rs = .11$ ;  $p = .04$ , respectively), and between avoidance and all dimensions of aggressiveness: proactive overt ( $rs = .15$ ;  $p = .01$ ), reactive overt ( $rs = .15$ ;  $p = .01$ ), proactive relational ( $rs = .18$ ;  $p = .00$ ) and reactive relational ( $rs = .12$ ;  $p = .00$ ) (see table 3).

## Discussion

Fear of negative evaluation has been primarily associated with social anxiety (Beck et al., 1985; Clark & Wells, 1995; Clark & Beck, 2001; Clark, 2005;). Nevertheless, recent works have also found a different group of socially anxious individuals who adopt aggressive and uninhibited behaviors (Kashdan et al., 2006; Kashdan & Hofmann, 2008; Kashdan &

McKnight, 2010). The present work intended to validate the existence of these two socially anxious groups taking into account their cognitive functioning, specifically the fear of negative evaluation. The results support this alternative view proposed by some authors that there is a group of individuals with high fear of negative evaluation who show aggressive behaviors as an alternative strategy to deal with the fear of negative evaluation (Bubier & Drabick, 2009; Kashdan & Hofmann, 2008; Kashdan & McKnight, 2010).

The results support the existence of three groups: one is characterized by high values of fear of negative evaluation and aggressiveness; a second group, characterized by high fear of negative evaluation and high social anxiety and avoidance, but low levels of aggressive behaviors; and a third group, with lower values in all the assessed variables. Taking into account the diagnostic criteria for Social Phobia (A.P.A., 2002), the second group seems to correspond to typical socially anxious people, while the third group might be constituted by normal individuals who present lower levels of both social difficulties and aggression, evaluated in this work. Finally, the first group might correspond to a group of non-typical socially anxious individuals, who present similar cognitive vulnerability, but a different behavioral expression of their anxiety in social situations. According to our main purpose, the atypical group was found, supporting the idea that fear of negative evaluation and, consequently, social anxiety, may have a variety of associated behaviors and responses, going beyond the typical symptoms included in the diagnosis and classification systems. The role that anger and frustration may play in this atypical group remains unexplored.

As we take a detailed look to this atypical group, we found that reactive aggression, in both of its' forms, is particularly associated with the fear of negative evaluation. The reactive type of aggression refers to defensive and impulsive reactions to a stimulus perceived as threatening, (Marsee et al., 2011; Ollendick, Jarrett, Wolff, & Scarpa, 2009). Therefore, it would be expected that individuals with high fear of negative evaluation would present reactive aggressive behaviors, using a "reject before being rejected" attitude to deal with negative emotions derived from the fear of evaluation (Leary et al., 2006). Aggressive individuals typically reveal difficulties in self-regulation and emotional control, usually being impulsive in social events they perceive as threatening. The same immediate reaction may be expected from individuals with fear of negative evaluation who feel inferior in social events (Crick, Casas, & Ku, 1999), and may simply react impulsively out of anxiety, anger and frustration against the person who inferiorized him. Additionally, evolutionary models seem to support these assumptions, stating that an individual may feel ashamed and, at the same time, feel anger towards the person who criticized him (Tangney et al., 1996) counterattacking immediately and in a violent way (Tedeschi & Felson, 1994; cit. in Gilbert & Miles, 2000). However, these individuals can feel ashamed and react aggressively without necessarily having to meet criteria for social anxiety. This theoretical assumptions find support in the present findings.

Concerning the form of aggressiveness, it would be expected that aggressive behaviors adopted by individuals with high fear of negative evaluation would have a relational nature, as a way to avoid social ostracism, because this represents a "masked" way of being aggressive, through the manipulation of social relationships. The first group (atypical socially anxious individuals) had significant higher values of reactive relational aggression, but it was found that they are also likely to respond aggressively in an open way, adopting direct aggressive behaviors. This may increase the likelihood of adverse social consequences, such as legal punishments and/or social disapproval (Campbell, 1999). These social consequences could reinforce the feeling of being socially incapable, and thus keep them trapped in a social maladaptive cycle. These results agree with other authors conceptualizations who argue that the relational aggression behaviors requires social and language skills that increase in complexity with age (Archer & Coyne, 2005; Crick & Grotpeter, 1995). As such, and given that the sample

of this study is constituted by late adolescents, these skills may be already developed.

The association studies also suggest that aggression is not a response to social anxiety, because they are not associated in both groups with high fear of negative evaluation. These findings seem to be consistent with the cognitive model assumptions, which postulate the fear of negative evaluation as a key construct in social anxiety, emphasizing, however, that individuals can have fear of negative evaluation without being necessarily socially anxious people (Beck et al., 1985; Clark & Wells, 1995; Clark & Beck, 2001; Clark, 2005).

Along with these results, we found that the atypical group of individuals with fear of negative evaluation also has high levels of avoidance and aggressiveness. We cannot at this time present a valid explanation for these findings because it would be expected that if the subject avoid the social events, he would not have many opportunities for being aggressive. A possible explanation to these findings may be that when they cannot avoid social events, they adopt aggressive behaviors, and not security behaviors as is typical of social anxiety (Beck et al., 1985; Clark & Wells, 1995; Clark & Beck, 2001; Clark, 2005). The use of a measure of security behaviors associated to social anxiety in a future work may help to make better sense of this finding.

Another limitation to be addressed in future studies relates with the assumption of a temporal relationship of cause-effect between the experience of the fear of negative evaluation and aggressive behaviors, because aggression can be a response to this fear and, at the same time, can increase fear of negative evaluation and rejection by peers, as consequence of socially unwanted aggressiveness (Loudin, Loukas, & Robinson, 2003). Even though the statistical models presuppose this relationship, only experimental designs could test that, activating this fear and then evaluating what social response is chosen and delivered in social events.

The obtained findings point out a new light into the understanding of fear of negative evaluation, and, consequently on the psychopathologies associated with it, particularly social anxiety. Thus, arguing that there are individuals who deviate from the typical conceptualization of social anxiety, this study tried to fill some gaps, because when we see an aggressive subject, we do not expect that this aggressiveness may be a response to fear of negative evaluation, what makes this manifestation of fear of negative evaluation more likely to remain undetected. This broadened perspective of the fear of negative evaluation and its associated emotional and behavioral constructs may be useful in clinical practice, taking into account that aggressive behaviors could be associated to different cognitive mechanisms. This could be quite helpful in designing detailed and specific assessment procedures and intervention strategies for different cases as well as an intervention focused on fear of negative evaluation when, after evaluation, the therapist concluded that aggressive behavior may be related to this cognitive process.

## References

- A.P.A. (2002). *Diagnostic and statistical manual of mental disorders (4<sup>th</sup> ed., text revision)*. Washington, DC: American Psychiatric Association
- Archer, J., & Coyne, S. M. (2005). An integrated review of indirect, relational, and social aggression. *Personality and Social Psychology Review*, 9(3), 212-230. doi: 10.1207/s15327957pspr0903\_2
- Beck, A. T., Emery, G., & Greenberg, R. L. (1985). *Anxiety disorders and phobias: A cognitive perspective*. New York: Basic Books.
- Bubier, J. L., & Drabick, D. A. G. (2009). Co-occurring anxiety and disruptive behavior disorders: The roles of anxious symptoms, reactive aggression, and shared risk processes. *Clinical Psychology Review*, 29(7), 658-669. doi: 10.1016/j.cpr.2009.08.005

- Campbell, A. (1999). Staying alive: Evolution, culture, and women's intrasexual aggression. *Behavioral and Brain Sciences*, 22(2).
- Card, N. A., & Little, T. D. (2006). Proactive and reactive aggression in childhood and adolescence: A meta-analysis of differential relations with psychosocial adjustment. *International Journal of Behavioral Development*, 30(5), 466-480. doi: 10.1177/0165025406071904
- Clark, D. A., & Beck, A. T. (2001). *Cognitive therapy of anxiety disorders: Science and practice*. New York: The Guilford Press.
- Clark, D. M., & Wells, A. (1995). A cognitive model of social phobia. In R. Heimberg, M. Liebowitz, D. A. Hope & F. R. Schneier (Eds.), *Social phobia: Diagnosis, assessment and treatment* (pp. 69-93). New York: The Guilford Press.
- Clark, D. M. (2005). A Cognitive Perspective on Social Phobia. In W. R. Crozier & L. E. Alden (Eds.), *The essential handbook of social anxiety for clinicians* (pp. 193-218). New York: John Wiley & Sons Ltd.
- Correia, L. M., Vagos, P. E., & Rijo, D. M. (2012). *A versão específica da escala de Medo de Avaliação Negativa – dimensionalidade e características psicométricas numa amostra de adolescentes*. Manuscript in preparation.
- Crick, N. R., & Grotpeter, J. K. (1995). Relational aggression, gender, and social-psychological adjustment. *Child Development*, 66(3), 710-722. doi: 10.1111/j.1467-8624.1995.tb00900.x
- Crick, N. R., Casas, J. F., & Ku, H. C. (1999). Relational and physical forms of peer victimization in preschool. *Developmental Psychology*, 35(2), 376-385. doi: 10.1037/0012-1649.35.2.376
- Cunha, M., Pinto Gouveia, J., & Salvador, M. C. (2008). Social Fears in Adolescence: The Social Anxiety and Avoidance Scale for Adolescents. *European Psychologist*, 13(3), 197-213. doi: 10.1027/1016-9040.13.3.197
- Feshbach, S. (1997). The psychology of aggression: Insights and issues. In S. Z. Feshbach, J. (Ed.), *Aggression: Biological, developmental, and social perspectives* (pp. 213-235). New York: Plenum Press.
- Gilbert, P. (2000). The relationship of shame, social anxiety and depression: The role of the evaluation of social rank. *Clinical Psychology & Psychotherapy*, 7(3), 174-189. doi: 10.1002/1099-0879(200007)7:3<174::aid-cpp236>3.0.co;2-u
- Gilbert, P., & Miles, J. N. V. (2000). Sensitivity to Social Put-Down: it's relationship to perceptions of social rank, shame, social anxiety, depression, anger and self-other blame. *Personality and Individual Differences*, 29, 757-774. doi: 10.1016/S0191-8869(99)00230-5
- Glick, D. M., & Orsillo, S. M. (2011). Relationships among social anxiety, self-focused attention, and experiential distress and avoidance. *Journal of Cognitive and Behavioral Psychotherapies*, 11(1), 1-12.
- Kashdan, T. B., Collins, R. L., & Elhai, J. D. (2006). Social anxiety and positive outcome expectancies on risk-taking behaviors. *Cognitive Therapy and Research*, 30(6), 749-761. doi: 10.1007/s10608-006-9017-x
- Kashdan, T. B., & Hofmann, S. G. (2008). The high-novelty-seeking, impulsive subtype of generalized social anxiety disorder. *Depression and Anxiety*, 25(6), 535-541. doi: 10.1002/da.20382
- Kashdan, T. B., & McKnight, P. E. (2010). The Darker Side of Social Anxiety: When Aggressive Impulsivity Prevails Over Shy Inhibition. *Current Directions in Psychological Science*, 19(1), 47-50. doi: 10.1177/0963721409359280
- Leary, M. R., Twenge, J. M., & Quinlivan, E. (2006). Interpersonal rejection as a determinant of

- anger and aggression. *Personality and Social Psychology Review*, 10(2), 111-132. doi: 10.1207/s15327957pspr1002\_2
- Loudin, J. L., Loukas, A., & Robinson, S. (2003). Relational aggression in college students: Examining the roles of social anxiety and empathy. *Aggressive Behavior*, 29(5), 430-439. doi: 10.1002/ab.10039
- Marsee, M. A., Barry, C. T., Childs, K. K., Frick, P. J., Kimonis, E. R., Munoz, L. C., et al. (2011). Assessing the Forms and Functions of Aggression Using Self-Report: Factor Structure and Invariance of the Peer Conflict Scale in Youths. *Psychological Assessment*, 23(3), 792-804. doi: 10.1037/a0023369
- Marsee, M. A., & Frick, P. J. (2007). Exploring the Cognitive and Emotional Correlates to Proactive and Reactive Aggression in a Sample of Detained Girls. *Journal of Abnormal Child Psychology* 35, 969-981. doi: 10.1007/s10802-007-9147-y
- Ollendick, T. H., Jarrett, M. A., Wolff, J. C., & Scarpa, A. (2009). Reactive and Proactive Aggression: Cross-informant Agreement and the Clinical Utility of Different Informants. *Journal of Psychopathology and Behavioral Assessment*, 31(1), 51-59. doi: 10.1007/s10862-008-9087-z
- Pinto-Gouveia, J. (Ed.). (2000). *Ansiedade social: Da timidez à fobia social*. Coimbra: Quarteto Editora.
- Pitarch, M. J. G. (2010). Brief Version of the Fear of Negative Evaluation Scale - Straightforward Items (BFNE-S): Psychometric Properties in a Spanish Population. *Spanish Journal of Psychology*, 13(2), 981-989.
- Rapee, R. M., & Heimberg, R. G. (1997). A cognitive-behavioral model of anxiety in social phobia. *Behaviour Research and Therapy*, 35(8), 741-756. doi: 10.1016/s0005-7967(97)00022-3
- Rodebaugh, T. L., Woods, C. M., Thissen, D. M., Heimberg, R. G., Chambless, D. L., & Rapee, R. M. (2004). Psychological Assessment. *More information from fewer questions: the factor structure and item properties of the original and Brief Fear of Negative Evaluation Scale*, 16, 169–181. doi: 10.1037/1040-3590.16.2.169
- Tangney, J. P., HillBarlow, D., Wagner, P. E., Marschall, D. E., Borenstein, J. K., Sanftner, J., et al. (1996). Assessing individual differences in constructive versus destructive responses to anger across the lifespan. *Journal of Personality and Social Psychology*, 70(4), 780-796. doi: 10.1037//0022-3514.70.4.780
- Trower, P., & Gilbert, P. (1989). New theoretical conceptions of social anxiety and social phobia. *Clinical Psychology Review*, 9(1), 19-35. doi: 10.1016/0272-7358(89)90044-5
- Vassilopoulos, S. P. (2009). Interpretations for Safety Behaviours in High and Low Socially Anxious Individuals. *Behavioural and Cognitive Psychotherapy*, 37(2), 167-178. doi: 10.1017/s1352465809005189
- Weeks, J. W., Heimberg, R. G., Fresco, D. M., Hart, T. A., Turk, C. L., Schneier, F. R., et al. (2005). Empirical validation and psychometric evaluation of the Brief Fear of Negative Evaluation Scale in patients with social anxiety disorder. *Psychological Assessment*, 17(2), 179-190. doi: 10.1037/1040-3590.17.2.179
- Weisman, O., Aderka, I. M., Marom, S., Hermesh, H., & Gilboa-Schechtman, E. (2011). Social rank and affiliation in social anxiety disorder. *Behaviour Research and Therapy*, 49, 399-405. doi: 10.1016/j.brat.2011.03.010

## V – Discussão Geral

O objectivo desta dissertação foi o de estudar a relação entre o medo de avaliação negativa e os comportamentos agressivos em adolescentes tardios da população geral. Em primeiro lugar, procurou-se validar a escala de Medo de Avaliação Negativa – Específica, na sua versão portuguesa, numa amostra de adolescentes tardios. Garantir a qualidade dos instrumentos de avaliação utilizados surge como essencial ao cumprimento do objectivo deste trabalho. Em segundo lugar, constituiu foco deste trabalho estudar as relações entre os constructos referidos.

O primeiro trabalho desenvolvido foi o estudo de validação do MAN-E, onde os resultados obtidos indicaram que o instrumento possui boas características psicométricas, do ponto de vista da validade factorial, sensibilidade, consistência interna e validade convergente.

Os resultados da dimensionalidade da escala suportaram a existência de uma estrutura unifactorial, tal como esperado e encontrado por Pitarch (2010). Como tal, a utilização da escala na sua versão reduzida e específica, tal como recomendado por Rodebaugh e colaboradores (2004), colhe apoio nos resultados que obtivemos. Além disso, a aplicação da versão específica do instrumento poderá permitir colmatar os enviesamentos decorrentes da possível interpretação dúbia dos itens, uma vez que alguns itens que poderiam reflectir alguma atenção à avaliação por parte dos outros mas não o receio específico de que essa avaliação seja negativa, comprometeriam a validade facial e de constructo da escala (Rodebaugh et al., 2004, 2011; Weeks et al., 2005).

Os resultados dos estudos de validade convergente mostraram associações moderadas, positivas e significativas entre o medo de avaliação negativa (medido pelo MAN-E) e as dimensões de ansiedade e evitamento (medidos pela Escala de Ansiedade e Evitamento de Situações Sociais para Adolescentes), o que vai de encontro ao esperado, uma vez que, embora não representando o mesmo constructo, estes estão intimamente relacionados (Beck et al., 1985; Clark & Wells, 1995; Clark & Beck, 2001; Clark, 2005). As associações mais expressivas verificaram-se entre o MAN-E e o total da dimensão de ansiedade avaliada pela EAESSA.

A análise de diferenças entre géneros no medo de avaliação negativa permitiu concluir que o MAN-E possui capacidade para diferenciar os grupos, uma vez que as raparigas apresentam mais preocupações com o facto de serem avaliadas negativamente por terceiros do que os rapazes. As diferenças encontradas apresentam um efeito moderado. Foram encontrados resultados idênticos no estudo com uma população não clínica de estudantes universitários de Pitarch (2010), no estudo com uma amostra de adolescentes levado a cabo por García-López e colaboradores (2001) e no estudo de Duke, Krishnan, Faith e Storch (2006). Estes resultados parecem relacionar-se com os papéis de género defendidos ao longo do processo de desenvolvimento e de socialização dos rapazes e raparigas (McLean & Anderson, 2009). Segundo Bem (1981; cit. por McLean & Anderson, 2009) os rapazes e as raparigas são educados para se comportarem de determinada

forma e desenvolverem determinados traços e capacidades, característicos do seu género de pertença. Por exemplo, a expressão pública de comportamentos de ansiedade é menos aceite nos rapazes (Stevenson-Hinde & Shouldice, 1993), pelo que os resultados deste estudo poderão reflectir isso mesmo, aquando da resposta aos questionários.

Apesar de a amostra ser limitada a uma área geográfica restrita (região centro do país), o número elevado de sujeitos da amostra (N = 518) permite a utilização da escala com adolescentes portugueses da mesma faixa etária com alguma segurança. Sendo o medo de avaliação negativa importante por si só, a avaliação do mesmo ganha maior relevância nesta fase do desenvolvimento, bem como em contextos específicos de intervenção em que o medo de avaliação negativa é fundamental na conceptualização dos problemas e como foco de intervenção (e.g., nos indivíduos com ansiedade social).

No que concerne ao segundo estudo realizado, importa referir que, embora o medo da avaliação negativa seja principalmente associado com a ansiedade social (Beck et al., 1985; Clark & Wells, 1995; Clark & Beck, 2001; Clark, 2005), trabalhos recentes têm defendido a existência de um segundo grupo indivíduos com ansiedade social que adoptam comportamentos agressivos (Kashdan et al., 2006; Kashdan & Hofmann, 2008; Kashdan & McKnight, 2010). De facto, de acordo com o modelo cognitivo de ansiedade (Beck et al., 1985; Clark & Wells, 1995; Clark & Beck, 2001; Clark, 2005), o medo de avaliação negativa (substracto cognitivo) parece estar mais relacionado com a resposta emocional de ansiedade e dificuldades de interacção, enquanto que nem todos os sujeitos que têm elevados valores de ansiedade social apresentam, obrigatoriamente, altos valores de evitamento (resposta comportamental). Pelo contrário, os sujeitos com elevado medo de avaliação negativa e ansiedade em situações sociais, podem apresentar diferentes respostas comportamentais como por exemplo, agressividade e impulsividade (Kashdan et al., 2006; Kashdan & Hofmann, 2008; Kashdan & McKnight, 2010), consumo de substâncias (Rapee & Spence, 2004) entre outros comportamentos de segurança.

O segundo trabalho destinou-se a validar a existência desses dois grupos de indivíduos com medo de avaliação negativa, no que toca ao seu funcionamento emocional (ansiedade social) e comportamental (agressividade e/ou evitamento social).

Os dados obtidos suportaram a existência de três grupos: um grupo caracterizado por valores elevados de medo de avaliação negativa e com presença de comportamentos agressivos; um segundo grupo, caracterizado por valores elevados de medo elevado de avaliação negativa, ansiedade social e evitamento, mas com níveis baixos de agressividade; e um terceiro grupo, com valores reduzidos em todas as dimensões avaliadas. Tendo em conta os critérios de diagnóstico de fobia social (A.P.A., 2002), o segundo grupo parece corresponder aos “típicos” ansiosos sociais, enquanto o terceiro grupo parece ser constituído por indivíduos normais que apresentam níveis mais baixos em todos os constructos avaliados neste trabalho. Finalmente o primeiro grupo poderá corresponder a um grupo de

ansiosos sociais “atípicos”, que apresentam vulnerabilidades cognitivas semelhante aos ansiosos sociais, mas com expressão comportamental distinta no que toca aos níveis de agressividade.

Os resultados confirmaram esta visão alternativa proposta por alguns autores de que há um grupo de indivíduos com elevado medo de avaliação negativa que apresentam comportamentos agressivos (Bubier & Drabick, 2009; Kashdan & Hofmann, 2008; Kashdan & McKnight, 2010). Como tal, parece haver evidências de que a agressividade, para além de outros comportamentos de segurança e evitamento, comuns nos sujeitos com ansiedade social, pode constituir uma estratégia alternativa para lidar com os sentimentos negativos derivados do medo de avaliação negativa, resultante de uma tendência de interpretação hostil de atitudes ambíguas dos outros (Kashdan & McKnight, 2010).

De acordo com o nosso principal objectivo, o grupo de ansiosos sociais “atípicos” foi encontrado, sustentando a ideia de que o medo de avaliação negativa e, conseqüentemente, a ansiedade social, podem ter uma variedade de comportamentos e respostas associados, que vão além dos sintomas típicos incluídos nos sistemas de classificação e diagnóstico. O papel que a raiva e a frustração podem ter como correlatos emocionais neste grupo atípico continua por explorar e esclarecer de forma definitiva.

Ao olharmos detalhadamente para este grupo atípico, verificámos que o tipo de agressividade reactiva aberta está particularmente associado ao medo de avaliação negativa. O tipo reactivo de agressão refere-se a reações defensivas e impulsivas a um estímulo ameaçador, como, por exemplo, a frustração (Marsee et al., 2011; Ollendick et al., 2009) decorrente da avaliação de terceiros. Assim, seria expectável que os indivíduos com medo de avaliação negativa apresentassem mais comportamentos agressivos de índole reactiva, seguindo o pressuposto cognitivo de "rejeitar antes de ser rejeitado", para lidar com emoções negativas derivadas do medo de avaliação negativa (Leary et al., 2006), o que encontra apoio nos resultados encontrados. Normalmente, os indivíduos agressivos revelam dificuldades de auto-regulação e controlo emocional, apresentando geralmente comportamentos impulsivos nas situações sociais que percebem como ameaça. A mesma reação imediata pode ser esperada de indivíduos com medo de avaliação negativa elevado, que se sentem inferiores em determinados contextos sociais (Crick et al., 1999), podendo reagir impulsivamente, com elevados níveis de ansiedade, raiva e frustração contra a pessoa que os inferiorizou. Também os modelos evolucionários parecem sustentar estes pressupostos, afirmando que um indivíduo pode sentir-se envergonhado e, ao mesmo tempo, sentir raiva em relação à pessoa que o criticou (Tangney et al., 1996) contra-atacando imediatamente e de forma violenta (Tedeschi & Felson, 1994; cit. por Gilbert & Miles, 2000), sem necessariamente ter que preencher os critérios para a ansiedade social.

No que diz respeito à forma de agressividade, também seria de esperar que os comportamentos agressivos levados a cabo pelos indivíduos com medo de avaliação negativa elevado fossem de índole relacional, uma vez que, tentando evitar o ostracismo social, seria natural enveredarem por



um tipo de resposta mais “camuflada”, através da manipulação das relações sociais. O primeiro grupo (ansiosos sociais atípicos) apresentou valores significativos de agressividade reactiva relacional, mas verificou-se que estes têm também tendência a responder agressivamente de forma aberta, adoptando comportamentos de agressão directa. Isto pode aumentar a probabilidade de consequências sociais adversas, como punições perante a lei e desaprovação social (Campbell, 1999), o que pode reforçar a visão de si próprio como socialmente inapto, mantendo o ciclo maladaptativo da ansiedade social. Estes resultados encontram ainda suporte nos trabalhos de Archer e Coyne (2005) e Crick e Grotpeter (1995), que defendem que o recurso a comportamentos de agressividade relacional requer capacidades sociais e de linguagem desenvolvidas, adquirindo um carácter mais complexo com o aumento da idade. Como tal, e dado que a amostra deste estudo é constituída por adolescentes tardios, estas competências parecem encontrar-se já desenvolvidas.

Os estudos de associação entre os comportamentos de agressividade e a ansiedade social também sugerem que a agressão não é uma resposta à ansiedade social, pois estas não estão associadas nos dois grupos com elevado medo de avaliação negativa. Estes resultados parecem ser consistentes com o postulado pelos modelos cognitivos, que defendem o medo de avaliação negativa como um pilar fundamental na ansiedade social, podendo ocorrer, no entanto, sem que o indivíduo tenha necessariamente ansiedade social clínica (Beck et al., 1985; Clark & Wells, 1995; Clark & Beck, 2001; Clark, 2005).

Considerando os dois estudos realizados, importa salientar o contributo científico deste trabalho no que toca à compreensibilidade dos fenómenos estudados, uma vez que, para além de fornecer uma escala robusta para a avaliação do medo de avaliação negativa, fornece uma visão alternativa e, ao mesmo tempo complementar dos fenómenos cognitivos associados à ansiedade social. Ainda assim, serão de referir alguns aspectos que merecem especial atenção em trabalhos futuros.

Tendo em conta a medida aferida no primeiro estudo deste trabalho, esta constitui um instrumento robusto de avaliação do medo de avaliação negativa, adequado para a utilização na clínica e na investigação, adaptado para uma população adolescente e com um tempo curto de aplicação. Contudo, futuros estudos deverão estudar as características psicométricas desta medida em adolescentes mais novos, uma vez que estes resultados apenas se reportam a adolescentes com idades compreendidas entre os 15 e os 18 anos. Não tendo sido possível obter dados acerca da estabilidade temporal do MAN-E, futuros estudos deverão avaliar este aspecto.

No que concerne ao estudo da relação entre o medo de avaliação negativa e os comportamentos de agressividade, é de sublinhar que apesar dos resultados encontrados, não foi encontrada uma relação e explicação válidas para o facto de, no grupo atípico de indivíduos com medo de avaliação negativa, existirem concomitantemente valores elevados de evitamento e agressividade, pois seria de esperar que o facto de os indivíduos evitarem as situações sociais levasse a que estes tivessem menos

oportunidades de responder de forma agressiva. Poderá hipotetizar-se que quando estes sujeitos não podem evitar a situação social e uma vez nesta, adoptem comportamentos agressivos, e não outros comportamentos de segurança típicos da ansiedade social (Beck et al., 1985; Clark & Wells, 1995; Clark & Beck, 2001; Clark, 2005). O uso de uma medida comportamental para a ansiedade social em trabalhos futuros poderá ajudar a compreender melhor estes resultados.

Outra limitação a ser colmatada em estudos posteriores tem a ver com o estabelecimento de uma relação temporal de causa-efeito entre a experiência de medo de avaliação negativa e os comportamentos agressivos. Este comportamento pode ser uma resposta ao medo de avaliação negativa, ou pode, por outro lado, levar ao aumento deste medo, pelas consequências sociais negativas que acarreta, como por exemplo a rejeição pelos pares (Loudin et al., 2003). Mesmo que os modelos estatísticos utilizados pressuponham, de certo modo, esta relação, apenas projetos experimentais poderão testar esta premissa, activando este medo e, em seguida, avaliando que resposta social é escolhida e levada a cabo pelos sujeitos em contexto social.

Não descurando as limitações dos estudos deste trabalho, é importante ressaltar as implicações clínicas dos resultados encontrados, que remetem para uma nova visão no que toca à compreensão do medo de avaliação negativa e, conseqüentemente, das psicopatologias a ele associadas, particularmente as intervenções desenhadas para a problemática da ansiedade social.

Assim, argumentando que existem indivíduos que se desviam da conceptualização típica da ansiedade social, este estudo pretendeu preencher algumas lacunas existentes, sobretudo na prática clínica, pois quando estamos perante um sujeito agressivo, não esperamos, à partida, que os seus comportamentos agressivos representem uma resposta ao medo da avaliação negativa, o que torna esta manifestação de medo da avaliação negativa mais propensa a passar despercebida. Assim, pode ser útil, na prática clínica, tendo em conta que os comportamentos agressivos podem ter diferentes mecanismos cognitivos associados, fazer uma avaliação mais detalhada dos casos, bem como uma intervenção focada no medo de avaliação negativa quando, depois do processo de avaliação, o terapeuta concluir que o comportamento agressivo pode estar relacionado com este processo cognitivo.

## **VI - Conclusões**

Este trabalho foi realizado tendo como base dois objectivos principais. O primeiro foi aferir para a população de adolescentes Portugueses a escala de Medo de Avaliação Negativa – versão específica (MAN-E). O segundo objectivo prendeu-se com o estudo das relações entre o medo de avaliação negativa e os comportamentos agressivos na mesma amostra, partindo do pressuposto de que existe um grupo típico e atípico de indivíduos com medo de avaliação negativa.

No estudo de aferição do MAN-E os resultados obtidos indicaram que este uma consistência interna excelente ( $\alpha = .92$ ), bem como adequada validade convergente com as medidas de ansiedade e evitamento em situações sociais. Assim sendo, o instrumento apresenta boas características psicométricas numa amostra da população adolescente portuguesa e constitui, portanto, uma mais-valia na avaliação do medo de avaliação negativa nesta fase do desenvolvimento.

No que toca ao segundo estudo, os resultados obtidos suportaram a existência de três grupos: um grupo caracterizado por valores elevados de medo de avaliação negativa e agressividade; um segundo grupo, caracterizado por valores elevados de medo elevado de avaliação negativa, ansiedade social e evitamento, mas com níveis baixos de agressividade; e um terceiro grupo, com valores reduzidos em todas as dimensões avaliadas.

De acordo com o nosso principal objectivo, o grupo de ansiosos sociais “atípicos” foi encontrado, sustentando a ideia de que o medo de avaliação negativa e, conseqüentemente, a ansiedade social, podem ter uma variedade de comportamentos e respostas associados, que vão além dos sintomas típicos incluídos nos sistemas de classificação e diagnóstico.

Ao olharmos detalhadamente para este grupo atípico, verificámos que o tipo de agressividade reactiva aberta está particularmente associado ao medo de avaliação negativa. O grupo de ansiosos sociais atípicos apresentou, ainda, valores significativos de agressividade reactiva relacional, mas verificou-se que estes têm também tendência a responder agressivamente de forma aberta, adoptando comportamentos de agressão directa.

Embora preliminares, os resultados que encontrámos poderão ter implicações importantes na prática clínica, sublinhando a existência deste grupo particular de indivíduos com medo de avaliação negativa, permitindo uma maior adequabilidade da avaliação dos casos e conseqüente intervenção terapêutica.

## VII - Bibliografia Geral

- APA. (2002). *Manual de diagnóstico e estatística das perturbações mentais* (4 ed., texto revisto). Lisboa: Climepsi.
- Archer, J., & Coyne, S. M. (2005). An integrated review of indirect, relational, and social aggression. *Personality and Social Psychology Review*, 9(3), 212-230. doi: 10.1207/s15327957pspr0903\_2
- Beck, A. T., Emery, G., & Greenberg, R. L. (1985). *Anxiety disorders and phobias :a cognitive perspective*. New York: Basic Books.
- Beidel, D. C. (1998). Social anxiety disorder: Etiology and early clinical presentation. *Journal of Clinical Psychiatry*, 17, 27-31.
- Bubier, J. L., & Drabick, D. A. G. (2009). Co-occurring anxiety and disruptive behavior disorders: The roles of anxious symptoms, reactive aggression, and shared risk processes. *Clinical Psychology Review*, 29(7), 658-669. doi: 10.1016/j.cpr.2009.08.005

- Calvete, E., & Orue, I. (2010). Cognitive Schemas and Aggressive Behavior in Adolescents: The Mediating Role of Social Information Processing. *Spanish Journal of Psychology*, 13(1), 190-201.
- Campbell, A. (1999). Staying alive: Evolution, culture, and women's intrasexual aggression. *Behavioral and Brain Sciences*, 22(2).
- Card, N. A., & Little, T. D. (2006). Proactive and reactive aggression in childhood and adolescence: A meta-analysis of differential relations with psychosocial adjustment. *International Journal of Behavioral Development*, 30(5), 466-480. doi: 10.1177/0165025406071904
- Carleton, R. N., McCreary, D. R., Norton, P. J., & Asmundson, G. J. G. (2006). Brief fear of negative evaluation scale - Revised. *Depression and Anxiety*, 23(5), 297-303. doi: 10.1002/da.20142
- Cillessen, A. H. N., & Mayeux, L. (2004). From censure to reinforcement: Developmental changes in the association between aggression and social status. *Child Development*, 75(1), 147-163. doi: 10.1111/j.1467-8624.2004.00660.x
- Clark, D. A., & Beck, A. T. (2001). *Cognitive therapy of anxiety disorders: Science and practice*. New York: The Guilford Press.
- Clark, D. M. (2005). A Cognitive Perspective on Social Phobia. In W. R. Crozier & L. E. Alden (Eds.), *The essential handbook of social anxiety for clinicians* (pp. 193-218). New York: John Wiley & Sons Ltd.
- Clark, D. M., & Wells, A. (1995). A cognitive model of social phobia. In R. Heimberg, M. Liebowitz, D. A. Hope & F. R. Schneier (Eds.), *Social phobia: Diagnosis, assessment and treatment* (pp. 69-93). New York: The Guilford Press.
- Cohen, D., Vandello, J., & Rantilla, A. K. (1998). The sacred and the social: cultures of honor and violence. In P. Gilbert & B. Andrews (Eds.), *Shame: Interpersonal behavior, psychopathology and culture* (pp. 261-282). New York: Oxford University Press.
- Correia, L. M., Vagos, P. E., & Rijo, D. M. (2012). *A versão específica da escala de Medo de Avaliação Negativa – dimensionalidade e características psicométricas numa amostra de adolescentes*. Manuscript in preparation.
- Crapanzano, A. M., Frick, P. J., & Terranova, A. M. (2010). Patterns of Physical and Relational Aggression in a School-Based Sample of Boys and Girls. *Journal of Abnormal Child Psychology*, 38(4), 433-445. doi: 10.1007/s10802-009-9376-3
- Crick, N. R., & Grotpeter, J. K. (1995). Relational aggression, gender, and social-psychological adjustment. *Child Development*, 66(3), 710-722. doi: 10.1111/j.1467-8624.1995.tb00900.x
- Crick, N. R., Casas, J. F., & Ku, H. C. (1999). Relational and physical forms of peer victimization in preschool. [Article; Proceedings Paper]. *Developmental Psychology*, 35(2), 376-385. doi: 10.1037/0012-1649.35.2.376

- Correia, L. M., Vagos, P. E., & Rijo, D. M. (2012). *A versão específica da escala de Medo de Avaliação Negativa – dimensionalidade e características psicométricas numa amostra de adolescentes*. Manuscrito em preparação.
- Culotta, C. M., & Goldstein, S. E. (2008). Adolescents' aggressive and prosocial behavior: Associations with jealousy and social anxiety. *Journal of Genetic Psychology, 169*(1), 21-33. doi: 10.3200/gntp.169.1.21-33
- Cunha, M., PintoGouveia, J. P., Salvador, M. C., & Alegre, S. (2004). Medos sociais na adolescência: A Escala de Ansiedade e Evitamento de Situações Sociais para Adolescentes (EAESSA). *Psychologica, 36*, 195-217.
- Cunha, M., Pinto Gouveia, J. P., & Salvador, M. C. (2008). Social Fears in Adolescence: The Social Anxiety and Avoidance Scale for Adolescents. *European Psychologist, 13*(3), 197-213. doi: 10.1027/1016-9040.13.3.197
- Dodge, K. A. (1991). The structure and function of reactive and proactive aggression. In D. J. Pepler & K. H. Rubin (Eds.), *The development and treatment of childhood aggression*. New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates.
- Dodge, K. A., & Coie, J. D. (1987). Social-information-processing factors in reactive and proactive aggression childrens peer groups. *Journal of Personality and Social Psychology, 53*(6), 1146-1158. doi: 10.1037//0022-3514.53.6.1146
- Duke, D., Krishnan, M., Faith, M., & Storch, E. A. (2006). The psychometric properties of the Brief Fear of Negative Evaluation Scale. *Journal of Anxiety Disorders, 20*, 807-817. doi: 10.1016/j.janxdis.2005.11.002
- Erwin, B. A., Heimberg, R. G., Schneier, F. R., & Liebowitz, M. R. (2003). Anger experience and expression in social anxiety disorder: Pre-treatment profile and predictions of attrition and response to cognitive-behavioral treatment. *Behavior Therapy, 34*, 331-350. doi: 10.1016/S0005-7894(03)80004-7
- Feshbach, S. (1997). The psychology of aggression: Insights and issues. In S. Z. Feshbach, J (Ed.), *Aggression: Biological, developmental, and social perspectives* (pp. 213-235). New York: Plenum Press.
- Field, A. (2009). *Discovering statistics using SPSS* (3 ed.). Los Angeles: SAGE.
- Frick, P. J., Cornell, A. H., Bodin, S. D., Dane, H. E., Barry, C. T., & Loney, B. R. (2003). Callous-unemotional traits and developmental pathways to severe conduct problems. *Developmental Psychology, 39*(2), 246-260. doi: 10.1037/0012-1649.39.2.246
- Furmark, T. (2002). Social phobia: overview of community surveys. *Acta Psychiatrica Scandinavica, 105*(2), 84-93. doi: 10.1034/j.1600-0447.2002.1r103.x
- Gallego, M. J., Botella, C., Quero, S., Baños, R. M., & García-Palacios, A. (2007). Propiedades psicométricas de la Escala de Miedo a la

- Evaluación Negativa versión breve (BFNE) en muestra clínica. *Revista de Psicopatología y Psicología Clínica*, 12, 163-176.
- García-López, L. J., Olivares, J., Hidalgo, M. D., Beidel, D. C., & Turner, S. M. (2001). Psychometric properties of the social phobia and anxiety inventory, the social anxiety scale for adolescents, the fear of negative evaluation scale, and the social avoidance distress scale in an adolescent Spanish-speaking population. *Journal of Psychopathology and Behavioral Assessment*, 23, 51-59. doi: 10.1027/1015-5759.20.3.172
- Gilbert, P., & Trower, P. (1990). The evolution and manifestation of social anxiety. In W. R. Crozier (Ed.), *Shyness and embarrassment: Perspectives from social psychology* (pp. 144-177). Cambridge: Cambridge University Press.
- Gilbert, P. (1998). What is shame? Some core issues and controversies. In P. Gilbert & B. Andrews (Eds.), *Shame: Interpersonal behavior, psychopathology and culture* (pp. 3-36). New York: Oxford University Press.
- Gilbert, P. (2000). The relationship of shame, social anxiety and depression: The role of the evaluation of social rank. *Clinical Psychology & Psychotherapy*, 7(3), 174-189. doi: 10.1002/1099-0879(200007)7:3<174::aid-cpp236>3.0.co;2-u
- Gilbert, P., & Miles, J. N. V. (2000). Sensitivity to Social Put-Down: it's relationship to perceptions of social rank, shame, social anxiety, depression, anger and self-other blame. *Personality and Individual Differences*, 29, 757-774. doi: 10.1016/S0191-8869(99)00230-5
- Glick, D. M., & Orsillo, S. M. (2011). Relationships among social anxiety, self-focused attention, and experiential distress and avoidance. *Journal of Cognitive and Behavioral Psychotherapies*, 11(1), 1-12.
- Kashdan, T. B., Collins, R. L., & Elhai, J. D. (2006). Social anxiety and positive outcome expectancies on risk-taking behaviors. *Cognitive Therapy and Research*, 30(6), 749-761. doi: 10.1007/s10608-006-9017-x
- Kashdan, T. B., & Hofmann, S. G. (2008). The high-novelty-seeking, impulsive subtype of generalized social anxiety disorder. *Depression and Anxiety*, 25(6), 535-541. doi: 10.1002/da.20382
- Kashdan, T. B., & McKnight, P. E. (2010). The Darker Side of Social Anxiety: When Aggressive Impulsivity Prevails Over Shy Inhibition. *Current Directions in Psychological Science*, 19(1), 47-50. doi: 10.1177/0963721409359280
- Leary, M. R. (1983). A brief version of the Fear of Negative Evaluation Scale. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 9, 371-376. doi: 10.1177/0146167283093007
- Leary, M. R., Twenge, J. M., & Quinlivan, E. (2006). Interpersonal rejection as a determinant of anger and aggression. *Personality and Social Psychology Review*, 10(2), 111-132. doi: 10.1207/s15327957pspr1002\_2
- Loudin, J. L., Loukas, A., & Robinson, S. (2003). Relational aggression in

- college students: Examining the roles of social anxiety and empathy. *Aggressive Behavior*, 29(5), 430-439. doi: 10.1002/ab.10039
- Marsee, M. A., & Frick, P. J. (2007). Exploring the Cognitive and Emotional Correlates to Proactive and Reactive Aggression in a Sample of Detained Girls. *Journal of Abnormal Child Psychology* 35, 969-981. doi: 10.1007/s10802-007-9147-y
- Marsee, M. A., Barry, C. T., Childs, K. K., Frick, P. J., Kimonis, E. R., Munoz, L. C., et al. (2011). Assessing the Forms and Functions of Aggression Using Self-Report: Factor Structure and Invariance of the Peer Conflict Scale in Youths. *Psychological Assessment*, 23(3), 792-804. doi: 10.1037/a0023369
- McLean, C. P., & Anderson, E. R. (2009). Brave men and timid women? A review of the gender differences in fear and anxiety. *Clinical Psychology Review*, 29, 496-505. doi: 10.1016/j.cpr.2009.05.003
- Neal, J. A., & Edelman, R. J. (2003). The etiology of social phobia: Toward a developmental profile. *Clinical Psychology Review*, 23, 761-786. doi: 10.1016/S0272-7358(03)00076-X
- Ollendick, T. H., Jarrett, M. A., Wolff, J. C., & Scarpa, A. (2009). Reactive and Proactive Aggression: Cross-informant Agreement and the Clinical Utility of Different Informants. *Journal of Psychopathology and Behavioral Assessment*, 31(1), 51-59. doi: 10.1007/s10862-008-9087-z
- Papalia, D. E., Olds, S. W., & Feldman, R. D. (2001). Adolescência. In D. E. Papalaia, S. W. Olds & R. D. Feldman (Eds.), *O mundo da criança* (pp. 502-610). Lisboa: McGraw-Hill.
- Petiz, M. V. (2011). *Contributo para a validação da Escala de Conflitos Entre Pares: estudos psicométricos e relação com medo da avaliação negativa e esquemas nucleares*. Universidade de Coimbra, Coimbra.
- Pinto-Gouveia, J. (Ed.). (2000). *Ansiedade social: Da timidez à fobia social*. Coimbra: Quarteto Editora.
- Pitarch, M. J. G. (2010). Brief Version of the Fear of Negative Evaluation Scale - Straightforward Items (BFNE-S): Psychometric Properties in a Spanish Population. [Article]. *Spanish Journal of Psychology*, 13(2), 981-989.
- Price, J. M., & Dodge, K. A. (1989). Reactive and proactive aggression in childhood - Relations to peer status and social-context dimensions. *Journal of Abnormal Child Psychology*, 17(4), 455-471. doi: 10.1007/bf00915038
- Rapee, R. M., & Heimberg, R. G. (1997). A cognitive-behavioral model of anxiety in social phobia. *Behaviour Research and Therapy*, 35(8), 741-756. doi: 10.1016/s0005-7967(97)00022-3
- Rapee, R. M., & Spence, S. H. (2004). The etiology of social phobia: Empirical evidence and an initial model. *Clinical Psychology Review*, 24(7), 737-767. doi: 10.1016/j.cpr.2004.06.004
- Rijo, D. M. B. (2009). *Esquemas mal-adaptativos precoces : validação do*

- conceito e dos métodos de avaliação*. Tese de doutoramento em Psicologia apresentada à Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Coimbra, Coimbra.
- Rodebaugh, T. L., Heimberg, R. G., Brown, P. J., Fernandez, K. C., Blanco, C., Schneier, F. R., et al. (2011). More reasons to be straightforward: Findings and norms for two scales relevant to social anxiety. *Journal of Anxiety Disorders*, 25, 623-630. doi: 10.1016/j.janxdis.2011.02.002
- Rodebaugh, T. L., Woods, C. M., Thissen, D. M., Heimberg, R. G., Chambless, D. L., & Rapee, R. M. (2004). More information from fewer questions: the factor structure and item properties of the original and Brief Fear of Negative Evaluation Scale. *Psychological Assessment*, 16, 169–181. doi: 10.1037/1040-3590.16.2.169
- Rubin, K. H., & Burgess, K. (2001). Social withdrawal. In M. W. Vasey & M. R. Dadds (Eds.), *The developmental psychopathology of anxiety* (pp. 407-434). Oxford: Oxford University Press.
- Ruscio, A. M., Brown, T. A., Chiu, W. T., Sareen, J., Stein, M. B., & Kessler, R. C. (2008). Social fears and social phobia in the USA: results from the National Comorbidity Survey Replication. *Psychological Medicine*, 38(1), 15-28. doi: 10.1017/s0033291707001699
- Schneier, F. R., Johnson, J., Hornig, C. D., Liebowitz, M. R., & Weissman, M. M. (1992). Social phobia - comorbidity and morbidity in an epidemiologic sample. *Archives of General Psychiatry*, 49(4), 282-288.
- Simões, M. (1994). *Investigações no âmbito da aferição nacional do teste das matrizes progressivas coloridas de Raven (M. P. C. R.)*. Tese de Doutoramento apresentada à Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Coimbra, Coimbra.
- Stein, M. B., Tancer, M. E., Gelernter, C. S., Vittone, B. J., & Uhde, T. W. (1990). Major depression in patients with social phobia. *American Journal of Psychiatry*, 147(5), 637-639.
- Stevenson-Hinde, J., & Shouldice, A. (1993). Wariness to strangers: A behavior systems perspective revisited. In K. H. Rubin & J. B. Asendorpf (Eds.), *Social withdrawal, inhibition, and shyness in childhood* (pp. 101-116). New York: Lawrence Erlbaum.
- Tangney, J. P. (1996). Conceptual and methodological issues in the assessment of shame and guilt. *Behaviour Research and Therapy*, 34(9), 741-754. doi: 10.1016/0005-7967(96)00034-4
- Tangney, J. P., HillBarlow, D., Wagner, P. E., Marschall, D. E., Borenstein, J. K., Sanftner, J., et al. (1996). Assessing individual differences in constructive versus destructive responses to anger across the lifespan. *Journal of Personality and Social Psychology*, 70(4), 780-796. doi: 10.1037//0022-3514.70.4.780
- Teachman, B. A., & Allen, J. P. (2007). Development of social anxiety: Social interaction predictors of implicit and explicit fear of negative evaluation. *Journal of Abnormal Child Psychology*, 35(1), 63-78.



- doi: 10.1007/s10802-006-9084-1
- Trower, P., & Gilbert, P. (1989). New theoretical conceptions of social anxiety and social phobia. *Clinical Psychology Review*, 9(1), 19-35. doi: 10.1016/0272-7358(89)90044-5
- Vagos, P. E. (2010). *Ansiedade social e assertividade na adolescência*. Universidade de Aveiro, Aveiro.
- Vaillancourt, T. (2005). Indirect aggression among humans - Social construct or evolutionary adaptation? *Developmental Origins of Aggression*, 158-177.
- Vassilopoulos, S. P. (2009). Interpretations for safety behaviours in high and low socially anxious individuals. *Behavioural and Cognitive Psychotherapy*, 37(2), 167-178. doi: 10.1017/s1352465809005189
- Weeks, J. W., Heimberg, R. G., Fresco, D. M., Hart, T. A., Turk, C. L., Schneier, F. R., et al. (2005). Empirical validation and psychometric evaluation of the Brief Fear of Negative Evaluation Scale in patients with social anxiety disorder. *Psychological Assessment*, 17(2), 179-190. doi: 10.1037/1040-3590.17.2.179
- Weisman, O., Aderka, I. M., Marom, S., Hermesh, H., & Gilboa-Schechtman, E. (2011). Social rank and affiliation in social anxiety disorder. *Behaviour Research and Therapy*, 49, 399-405. doi: 10.1016/j.brat.2011.03.010
- Young, J.; Klosko, J. & Weishaar, M. (2003). *Schema Therapy- A Practitioner's Guide*. New York: Guildford Press.

## **VII – Anexo**

Em anexo encontra-se o protocolo de investigação, constituído pela ficha de dados sociodemográficos, a Escala de Medo de Avaliação (da qual apenas os primeiros 8 itens foram alvo de análise, uma vez que apenas se direcionam especificamente para a avaliação do medo de avaliação negativa), a Escala de Conflito Entre Pares e a Escala de Ansiedade e Evitamento de Situações Sociais para Adolescentes.

Este questionário faz parte de um estudo que está a ser realizado na Universidade de Aveiro e de Coimbra que pretende conhecer como os adolescentes interpretam e reagem a diferentes situações sociais. Não há respostas certas ou erradas. Por favor responde a todas as questões, sem saltar nenhuma, o mais honestamente possível. Todas as respostas são confidenciais e anónimas, e serão utilizadas unicamente para este estudo.

Nota que cada parte do questionário tem uma escala de respostas diferente. Usa cada escala de resposta para classificar o quanto as frases descrevem o teu comportamento ou pensamento.

Obrigada pela tua participação!

## DADOS SOCIODEMOGRÁFICOS

Sexo: Feminino  Masculino

Idade: \_\_\_\_\_

Anos de escolaridade concluídos: \_\_\_\_\_

Número de reprovações: \_\_\_\_\_

Agregado familiar:

a. Família nuclear (pais, irmãos)

b. Outros familiares (avós, tios, irmãos)

c. Família adoptante/adoptiva

d. Instituição de acolhimento

e. Outra: \_\_\_\_\_

Para indivíduos que vivem em contexto familiar, indicar a profissão dos pais ou figuras parentais:

a. Mãe: \_\_\_\_\_

b. Pai: \_\_\_\_\_

## ESCALA DE MEDO DE AVALIAÇÃO NEGATIVA – BREVE E ESPECÍFICO

(Rodebaugh et al., 2004; adaptada por Vagos, Rijo & Santos, 2011)

**Instruções:** Por favor lê cada frase e decide quão bem te descreve. Marca a tua resposta no número apropriado para cada frase (1-5). Não há respostas certas ou erradas, por isso tenta responder honestamente Não deixes nenhuma frase por responder.

	Tem muito pouco a ver comigo	Tem pouco a ver comigo	Tem mais ou menos a ver comigo	Tem muito a ver comigo	Tem tudo a ver comigo
1. Mesmo quando a opinião dos outros não importa, preocupo-me que possam pensar mal de mim.....	1	2	3	4	5
2. Muitas vezes tenho medo que as outras pessoas notem os meus defeitos .....	1	2	3	4	5
3. Tenho receio que os outros não me aceitem .....	1	2	3	4	5
4. Tenho receio que as outras pessoas encontrem falhas em mim ...	1	2	3	4	5
5. Quando estou a conversar com alguém, preocupo-me que essa pessoa esteja a pensar mal de mim .....	1	2	3	4	5
6. Habitualmente preocupa-me que possa causar uma impressão negativa nos outros .....	1	2	3	4	5
7. As vezes acho que me preocupo demais com a possibilidade dos outros pensarem mal de mim .....	1	2	3	4	5
8. Muitas vezes fico preocupado com poder dizer ou fazer coisas erradas .....	1	2	3	4	5

# ESCALA DE CONFLITO ENTRE PARES

(Marsee & Frick, 2011; traduzida por Vagos, Rijo, & Santos, 2011)

**Instruções:** Por favor lê cada frase e decide quão bem te descreve, nas interações que estabelece com os teus colegas. Marca a tua resposta no número apropriado (1-5) para cada frase. Não deixes nenhuma frase por responder.

	Tem muito pouco a ver comigo	Tem pouco a ver comigo	Tem mais ou menos a ver comigo	Tem muito a ver comigo	Tem tudo a ver comigo
1. Já bati em alguém para conseguir ganhar um jogo ou concurso	1	2	3	4	5
2. Tenho prazer em gozar com os outros	1	2	3	4	5
3. Quando me gozam, sou capaz de fazer mal a alguém ou partir alguma coisa	1	2	3	4	5
4. Quando alguém me faz ficar zangado/a, sou capaz de falar mal dessa pessoa	1	2	3	4	5
5. Já comecei uma luta para conseguir o que quero	1	2	3	4	5
6. Já afastei outros do meu grupo de amigos de propósito, mesmo que não me tenham feito nada	1	2	3	4	5
7. Sou capaz de espalhar boatos e mentiras sobre os outros quando eles me fazem alguma coisa de mal	1	2	3	4	5
8. Quando alguém me prejudica, sou capaz de me meter numa luta	1	2	3	4	5
9. Para obter o que quero, já tentei fazer com que alguém ficasse mal visto	1	2	3	4	5
10. Quando alguém me chateia, digo aos meus amigos para deixarem de gostar dessa pessoa	1	2	3	4	5
11. Já ameacei alguém que me fez alguma coisa de mal	1	2	3	4	5
12. Quando bato em alguém, sinto que isso me torna respeitado e com poder	1	2	3	4	5
13. Se isso me for conveniente, sou capaz de contar os segredos de alguém	1	2	3	4	5
14. Quando alguém me ameaça, acabo por me meter numa luta	1	2	3	4	5
15. Para me vingar de alguém que me fez ficar zangado, sou capaz de deixar de andar com essa pessoa e procurar novos amigos	1	2	3	4	5
16. Quando alguém me faz ficar zangado/a, sou capaz de lhe bater .....	1	2	3	4	5
17. Quando alguém me enerva, sou capaz de escrever coisas más acerca dessa pessoa e pô-las a circular	1	2	3	4	5
18. Já ameacei alguém para conseguir o que quero	1	2	3	4	5
19. Para me tornar popular, sou capaz de espalhar boatos acerca dos outros	1	2	3	4	5
20. Se alguém me enerva, bato-lhe	1	2	3	4	5
21. Sou capaz de ser violento de propósito para alguém, mesmo que essa pessoa não me tenha feito nada	1	2	3	4	5
22. Quando alguém me faz ficar zangado, tento prejudicar a imagem dessa pessoa	1	2	3	4	5
23. Para conseguir o que quero, sou capaz de tentar roubar os amigos de uma pessoa para que passem a ser meus	1	2	3	4	5
24. Sou capaz de planejar com detalhe como agredir os outros	1	2	3	4	5
25. Quando alguém me enerva, sou capaz de lhe atirar coisas	1	2	3	4	5
26. Quando espalho boatos sobre alguém, sinto que isso me torna popular	1	2	3	4	5
27. Se isso me for conveniente, sou capaz de bater em alguém	1	2	3	4	5
28. Tenho prazer em agredir os outros	1	2	3	4	5
29. Já aconteceu espalhar boatos e mentiras sobre alguém para conseguir o que quero	1	2	3	4	5
30. A maior parte das vezes em que me meti em brigas e discussões foi porque me passei com alguém ou alguma coisa e não parei para pensar	1	2	3	4	5
31. Se alguém me enerva, sou capaz de contar os seus segredos	1	2	3	4	5
32. Sou capaz de ignorar ou deixar de falar para alguém para conseguir que essa pessoa faça o que eu quero	1	2	3	4	5
33. Gosto de bater em miúdos mais pequenos do que eu	1	2	3	4	5
34. Quando alguém me enerva, tento roubar-lhe os amigos	1	2	3	4	5
35. Sou capaz de ameaçar alguém, mesmo que essa pessoa não me tenha feito nada	1	2	3	4	5
36. Quando me zango, acabo por bater em alguém	1	2	3	4	5
37. Sou capaz de me meter em lutas por pequenos insultos	1	2	3	4	5
38. A maior parte das vezes em que inventei boatos sobre alguém foi porque me passei com alguém ou alguma coisa e não parei para pensar	1	2	3	4	5
39. Já aconteceu dizer mal de alguém, mesmo que essa pessoa não me tenha feito nada	1	2	3	4	5
40. Quando alguém me enerva, sou capaz de tentar excluí-lo do meu grupo de amigos	1	2	3	4	5

# ESCALA DE ANSIEDADE E EVITAMENTO DE SITUAÇÕES SOCIAIS PARA ADOLESCENTES

(Cunha, Pinto Gouveia & Salvador, 2008)

Segue-se uma lista de situações em que as pessoas podem sentir desconforto e mal-estar, o que pode levar ao evitamento dessas situações. Assinala o grau de desconforto ou nervosismo e o grau de evitamento que cada uma das situações assinaladas te provoca, utilizando a escala de resposta de 1 a 5, abaixo indicada.

Se nunca te confrontaste com alguma das situações apresentadas, imagina o desconforto que sentirias se tivesses de o fazer e o quanto tentarias evitar essa situação.

Situações sociais	Sinto-me mal, nervoso					Evito				
	1 = Nada	2 = Pouco	3 = Um bocado	4 = Muito	5 = MUITÍSSIMO	1 = Nunca	2 = Às vezes	3 = Muitas vezes	4 = Grande parte das vezes	5 = Quase sempre
1. Comer em público (bar, cantina, festa, etc...).	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5
2. Beber à frente de outras pessoas (bar, cantina, festa, etc...).	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5
3. Ir a uma festa de um(a) colega.	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5
4. Ler em voz alta perante a turma.	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5
5. Escrever enquanto estás a ser observado.	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5
6. Telefonar a um(a) colega que não conheces bem.	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5
7. Falar com alguém que não conheces bem.	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5
8. Encontras-te com pessoas novas/ desconhecidas.	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5
9. Urinar numa casa-de-banho pública.	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5
10. Num autocarro ou comboio, ficar sentado(a) de frente para outras pessoas.	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5
11. Expressar desacordo a um(a) colega que não conheces muito bem.	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5
12. Olhar directamente nos olhos de alguém que não conheces muito bem.	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5
13. Expressar os teus sentimentos à pessoa por quem estás interessado.	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5
14. Ficar sozinho(a) com um colega do sexo oposto.	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5
15. Desempenhar, pela primeira vez, um papel ou uma tarefa nova perante um colega ou grupo de colegas.	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5
16. "Dizer não" a um(a) colega que te pede para fazer algo que não queres.	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5
17. Juntares-te a um grupo de colegas onde predomina o sexo oposto.	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5
18. Pedir um favor a outra pessoa.	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5
19. Convidar alguém, pela 1ª vez, para sair.	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5
20. Fazer um elogio a um colega do sexo oposto.	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5
21. Conversar com colegas do sexo oposto.	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5
22. Falar com colegas mais velhos(as).	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5
23. Pedir a um colega que mude um comportamento que te desagrada.	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5
24. Fazer exercícios físicos na aula de ginástica.	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5
25. Trocar de roupa nos balneários.	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5
26. Fazer uma prova oral, ou expor oralmente um trabalho.	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5
27. Queixares-te quanto alguém tenta passar à tua frente numa fila.	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5
28. Ser chamado para "ir ao quadro".	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5
29. Tomar a iniciativa de responder a uma questão, ou pedir um esclarecimento, numa aula ou reunião.	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5
30. Chegar atrasado(a) ou adiantado(a) a uma reunião ou aula.	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5
31. Participar numa modalidade desportiva de grupo (equipa).	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5
32. Atravessar o átrio, corredores ou ir ao bar quando está cheio de alunos.	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5
33. Participar nas festas da escola (p.ex.: festas de encerramento do ano lectivo, festa de natal, final do curso, bailes, etc.)	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5
34. Responder a um colega que está a tentar gozar contigo (ex.: roupa, penteado, maneira como falas, etc.)	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5